

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM  
INTEGRAÇÃO LATINO-AMERICANA**

**OS MUSEUS DA FRONTEIRA COMO FATOR DE  
INTEGRAÇÃO DO MERCOSUL: DIAGNÓSTICO E  
PROPOSTAS**

**DISSERTAÇÃO DE MESTRADO**

**Fabiane Dal'Asta**

**Santa Maria, RS, Brasil**

**2007**

# **OS MUSEUS DA FRONTEIRA COMO FATOR DE INTEGRAÇÃO DO MERCOSUL: DIAGNÓSTICO E PROPOSTAS**

por

**Fabiane Dal'Asta**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Integração Latino-Americana, Área de Concentração em História Platina, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do grau de **Mestre em Integração Latino-Americana**.

**Orientador: Prof. André Luis Ramos Soares**

**Santa Maria, RS, Brasil.**

**2007**

**Universidade Federal de Santa Maria**  
**Centro de Ciências Sociais e Humanas**  
**Programa de Pós-Graduação em Integração Latino-Americana**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,  
aprova a Dissertação de Mestrado

**OS MUSEUS DA FRONTEIRA COMO FATOR DE  
INTEGRAÇÃO DO MERCOSUL: DIAGNÓSTICO E PROPOSTAS**

elaborada por  
**Fabiane Dal'Asta**

como requisito parcial para obtenção do grau de  
**Mestre em Integração Latino-Americana**

**COMISSÃO EXAMINADORA:**

**Prof. André Luis Ramos Soares, Dr. (UFSM)**  
(Presidente/Orientador)

**Profa. Maria Cristina Bruno, Dra. (USP)**

**Prof. André Fertig, Dr. (UFSM)**

Santa Maria, 30 de julho de 2007.

## **AGRADECIMENTOS**

Muitas pessoas foram fundamentais em alguns dos momentos do desenvolvimento deste trabalho. Dentre essas, agradeço principalmente:

– aos meus pais Alvanza e Nelson, pelo amor e paciência a mim dedicados incondicionalmente;

– aos meus familiares e amigos, principalmente Carlos Daniel Kümmel, Eder Einloft, Gelson Züige e Michele Bomicieli.

– ao meu orientador, André Soares, um agradecimento especial, pela confiança recíproca e pela dura tarefa de aceitar me orientar num momento delicado de minha trajetória no curso de mestrado.

A todos, meu muito obrigada!

## **RESUMO**

Dissertação de Mestrado  
Programa de Pós-Graduação em Integração Latino-Americana  
Universidade Federal de Santa Maria

### **OS MUSEUS DA FRONTEIRA COMO FATOR DE INTEGRAÇÃO DO MERCOSUL: DIAGNÓSTICO E PROPOSTAS**

AUTORA: FABINE DAL'ASTA

ORIENTADOR: ANDRÉ RAMOS SOARES

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 30 de julho de 2007.

Os museus de fronteira representam, hoje, uma instituição que pode contribuir para a educação e a integração dentro do bloco econômico Mercado Comum do Sul (Mercosul). O objetivo deste trabalho é apresentar como estão conformados alguns museus localizados na região oeste do Rio Grande do Sul e na região de fronteira com a Argentina e o Uruguai, e como eles podem se tornar um potencial instrumento na propagação de uma cultura fronteiriça. Para a elaboração deste trabalho, foram utilizados três momentos de análise: os museus (diagnóstico de seis instituições), a fronteira (seu histórico e suas peculiaridades), e a integração (perspectiva do Mercosul). Assim, a metodologia aplicada foi a visitação desses espaços museológicos, consulta à bibliografia pertinente, registros fotográficos. As três categorias (museu, fronteira e integração) foram e devem ser analisadas em conjunto, como um trinômio de possibilidades que pode resultar, se iniciativas forem tomadas, num instrumento de desenvolvimento, a fim de proteger e divulgar a cultura de fronteira, apresentando também uma possível alternativa de desenvolvimento turístico para a região.

**Palavras-chave:** Museu; fronteira; integração; identidade; Mercosul.

## **RESUMEN**

Disertacion de Master  
Programa de Pos-Master en Integración Latinoamericana  
Universidad Federal de Santa Maria

### **LOS MUSEOS DE LA FRONTERA COMO FACTOR DE LA INTEGRACIÓN DEL MERCOSUR: DIAGNÓSTICO Y PROPUESTAS**

AUTORA: FABINE DAL'ASTA

ORIENTADOR: ANDRÉ RAMOS SOARES

Fecha y Local de la Defensa: Santa Maria, 30 de julio de 2007.

Los museos de fronteras representan hoy una institución que puede contribuir para la educación y la integración dentro del bloque económico Mercosur. El objetivo de este trabajo es presentar como están conformados algunos museos localizados en la región oeste de Rio Grande del Sur y en la región de frontera con la Argentina y Uruguay, y como ellos pueden tornarse un instrumento potencial en la propagación de una cultura fronteriza. Para la elaboración de este trabajo, fueron utilizados tres momentos de análisis: los museos (diagnóstico de seis instituciones), la frontera (su histórico y sus peculiaridades), y la integración (perspectiva del MERCOSUR). Así, la metodología aplicada fue la visitación de los espacios museológicos, consulta a la bibliografía pertinente, registros fotográficos. Las tres categorías (museo, frontera y integración) fueran y deben ser analizadas en conjunto, como un trino de posibilidades que pueden resultar si iniciativas fueren practicadas, en un instrumento de desenvolvimiento, a fin de proteger y divulgar la cultura de frontera presentando también una posible alternativa de desarrollo para la región.

**Palabras-clave:** Museo; frontera; integración; identidad; Mercosur.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Parte da exposição do Espaço Cultural do 5º Regimento de Cavalaria Mecanizado – Cavalaria da Legião de Tropas Ligeiras de Quaraí, RS, dentro do quartel da cidade .....	19
<b>Figura 2</b> – Sala de troféus do Espaço Cultural do 5º Regimento de Cavalaria Mecanizado. ....	20
<b>Figura 3</b> – Fachada do Museu da Língua Portuguesa, localizado em São Paulo, Brasil .....	21
<b>Figura 4</b> – Uma das salas do Museu da Língua Portuguesa. Observamos a utilização de recursos midiáticos para a explicação aos visitantes, uma das técnicas propostas da Nova Museologia .....	22
<b>Figura 5</b> –Interior do Museu Municipal David Canabarro.....	23
<b>Figura 6</b> – Fachada do Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires .....	23
<b>Figura 7</b> – O espaço do Malba .....	24
<b>Figura 8</b> – Rio da Prata em Montevidéu, que foi alvo da disputa pelo direito de navegação entre os países platinos .....	38
<b>Figura 9</b> – Desembocadura do Arroio Chuy no oceano Atlântico. Divisa Chuy (Uruguai) e Chuí (Brasil).....	42
<b>Figura 10</b> - Espaço das Américas .....	60

# SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	9
<b>1.1 Problematização</b> .....	12
<b>1.2 Objetivos</b> .....	12
<b>1.3 Justificativa</b> .....	13
<b>1.4 Metodologia</b> .....	13
<b>2 MUSEU</b> .....	14
<b>2.1 Breve histórico dos museus</b> .....	16
<b>2.2 Ideologia dos museus e ideologia nos museus</b> .....	23
<b>2.3 O poder nos museus e o poder dos museus</b> .....	25
<b>2.4 A identidade nos museus e a identidade dos museus</b> .....	28
<b>2.5 Os museus na ótica mercosulina</b> .....	31
<b>3 FRONTEIRA</b> .....	36
<b>3.1 História da fronteira</b> .....	36
<b>3.2 A ideologia da fronteira</b> .....	45
<b>3.3 A identidade na fronteira</b> .....	46
<b>4 INTEGRAÇÃO</b> .....	49
<b>4.1 História da integração</b> .....	49
<b>4.2 A ideologia da integração</b> .....	52
<b>4.3 A integração cultural e a identidade</b> .....	55
<b>4.4 Alternativas a médio e longo prazo</b> .....	58
<b>5 CONCLUSÃO</b> .....	64
<b>BIBLIOGRAFIA</b> .....	67
<b>ANEXOS</b> .....	71
<b>ANEXO A – Detalhe do mapa turístico rodoviário, enfatizando a região oeste do Rio Grande do Sul, Brasil, com parte da Argentina e do Uruguai. Região geográfica da abrangência de nosso estudo. Escala 1:1.250.000. 1 cm = 12,5 km</b> .....	72
<b>ANEXO B – Museu Getúlio Vargas</b> .....	73
<b>ANEXO C – Museu Aparício Silva Rillo</b> .....	74
<b>ANEXO D – Reportagem do Jornal Diário de Santa Maria, de 10/05/2006</b> .....	75
<b>ANEXO E – Site H2Foz</b> .....	76

# 1 INTRODUÇÃO

A produção cultural conta, hoje, com uma nova perspectiva de abordagem. Podemos relacionar diferentes áreas de conhecimento na confecção de livros, teses, na elaboração de aulas, simpósios, enfim, tudo o que torna a academia (as universidades) centros de conhecimento, propagadores de idéias, formadores de opinião, e formadores de profissionais.

A multidisciplinaridade está presente em boa parte dos planos pedagógicos de diferentes currículos universitários. Ela é a responsável por esta possibilidade de fusões das diferentes áreas do conhecimento. Unir Física e Geografia, por exemplo, não é mais incomum, assim como unir Direito, Economia e História representa um avanço de possibilidades de se estudar áreas até então relegadas pelos grandes centros produtores de conhecimento no exterior e no Brasil.

A presente dissertação tem por objetivo unir áreas de conhecimento. Aliás, este trabalho não seria possível se esta multidisciplinaridade não se fizesse presente, aliando diferentes temas na proposição de um objetivo: o de verificar a eficácia de um instrumento de educação e promoção da integração cultural na região geográfica que se localiza a oeste do Rio Grande do Sul, fronteira com a Argentina e Uruguai. Para tanto, faz-se necessário descrever alguns contextos históricos e culturais para embasar teoricamente as proposições que serão apresentadas.

Para estudar o Rio Grande do Sul, precisamos avaliar outras questões que estão indiretamente ligadas ao nosso território, num primeiro momento. Analisar as mudanças ocorridas com a chegada do mundo moderno, do avanço tecnológico e, principalmente, a nova forma de organização política e econômica do globo, faz-se necessário para a real compreensão dos processos que ocorreram em solo gaúcho. Analisar as relações internacionais com os vizinhos platinos torna-se igualmente imprescindível.

O mundo contemporâneo modificou as relações sociais no globo. O capitalismo industrial e, posteriormente, o financeiro foi o responsável e redefiniu organizações políticas, sociais e culturais, forçando as populações tanto dos países pobres quanto dos desenvolvidos e subdesenvolvidos a se adequarem a padrões, normas e modas ditadas pela cultura do dinheiro.

Assim, surgiram novas organizações de países, como o Mercosul, alavancados pela noção de regionalismo, na América Latina, na tentativa de suas políticas econômicas vingarem, para a possibilidade de seus produtos e serviços serem vendidos e utilizados, tanto para a população interna como para o lançamento de novos mercados. Somente assim países

emergentes, como o Brasil e Argentina, por exemplo, conseguiriam sobreviver às pressões dos países mais capitalizados, sendo os primeiros grandes fornecedores de matérias-primas como também incipientes mercados consumidores dos produtos industrializados.

O Mercosul nasceu e está crescendo exclusivamente como um bloco econômico. Aliás, esta era a intenção desde o Tratado de Assunção, em 1991. Sempre as principais tratativas dos encontros entre os países membros eram as políticas econômicas, as taxas cambiais etc. Argentina, Brasil Uruguai e Paraguai tomaram as iniciativas de formação do bloco para “sobreviverem” e lançarem-se como capazes de negociar, se não de forma igual, pelo menos de forma mais potente, com países como os Estados Unidos e blocos como a União Européia e os Tigres Asiáticos.

Vemos, hoje, que após 16 anos de Mercosul, que alguns pontos foram alcançados dentro da esfera econômica, outros nem chegaram a ser discutidos. Há quem diga, principalmente o governo brasileiro, que o Mercosul não retrocede mais, apesar de acordos ainda emperrarem na burocracia interna dos países e na mercosulina. Mas, de fato, a passos lentos, o Mercosul se fortaleceu enquanto bloco econômico na esfera internacional e intergovernamental, embora, para a maioria da população, esses avanços não se efetivarem na vida cotidiana dos países membros.

Para o Bloco alcançar seu pleno desenvolvimento na esfera econômica, pois essa é a intenção dos países membros, outros aspectos devem ser levados em consideração, inevitavelmente. Políticas sociais efetivas também devem ser adotadas, passando das atas de reuniões e discursos para a prática. Um dos aspectos fundamentais que deve ser tratado é a educação. A educação formal e informal, pública e privada, deve ser discutida amplamente pelos países integrantes. Estudos na área têm apontado que há uma convergência de ações públicas no sistema de ensino de cada integrante do bloco, porém elas ainda estão isoladas. Ou seja, os países integrantes do Mercosul tratam o sistema educacional interno de forma parecida entre si,<sup>1</sup> sendo mais fácil, portanto, adequarem políticas educacionais conjuntas.

Assim como o sistema educacional entre os países são semelhantes, os problemas que a educação enfrenta também o são. Os índices de analfabetismo são próximos, assim como a evasão escolar e as dificuldades de infra-estrutura são compartilhados entre Argentina, Brasil, Paraguai e Uruguai.

Diminuir os índices de analfabetismo somente não irá proporcionar uma melhoria real da educação. É preciso também realizar uma educação de qualidade, em que os estudantes

---

<sup>1</sup> Verificando as Constituições Federais de cada país membro, percebemos como a educação é tratada.

possam realmente compreender os conteúdos ensinados como também serem capazes de relacioná-los com o mundo que o cercam. Que possam compreender os processos sociais em que vivem e que tenham direito à escolha de qual profissão futuramente queiram seguir.

É no intuito de trazer uma ferramenta que possa ajudar a realizar uma educação de qualidade, tanto nas escolas públicas quanto privadas, que o presente trabalho realizou estas pesquisas nos âmbitos de abrangência do Mercosul. Procuramos identificar e analisar uma instituição que pode ser utilizada para qualificar os estudos extra e intraclasse, principalmente nas aulas de História, mas que pode ser usada também nas outras disciplinas: os museus.

Os Museus presentes na fronteira do Rio Grande do Sul com a Argentina e o Uruguai guardam importantes documentos que demonstram como se desenvolveram os processos de formação da identidade gaúcha e platina, como se desenvolveram os processos de formação dos Estados Nacionais, até o dia-a-dia de anônimos que estiveram presentes nessa trajetória.

Entretanto, os museus históricos<sup>2</sup> devem estar aptos a oferecer aos estudantes e visitantes essa lucidez do processo histórico. Somente expor um objeto em uma vitrine pode não ser suficiente para o interlocutor compreender a totalidade de informações que aquele objeto deve transmitir. Assim, os profissionais que trabalham nesses museus devem estar aptos para tal tarefa e também serem detentores de todo o aparato tecnológico e intelectual que é necessário.

O trabalho dos museus pode e deve ser iniciado em sala de aula se eles forem utilizados na prática escolar. A interação entre professor, escola e museu deve ser iniciada antes do contato direto do aluno com o objeto, pois, assim, haverá um melhor suporte no processo de aprendizagem.

Foram visitadas seis cidades gaúchas que fazem fronteira com o Uruguai e a Argentina (ver mapa, Anexo A): Santana do Livramento e Rivera (Uruguai); São Borja e Santo Tomé (Argentina); Quaraí e Artigas (Uruguai). Os museus visitados foram: Museu Municipal David Canabarro (Santana do Livramento) e Museo Municipal de Historia y Arqueologia (Rivera); Casa Museu Getúlio Vargas e Museu Aparício Silva Rillo (São Borja) e Museo Pablo Argilaga (Santo Tomé); e Museo Histórico Departamental de Artigas (Artigas) e Centro Cultural do 5º Regimento de Cavalaria Mecanizado “Cavalaria da Legião de Tropas Ligeiras” (Quaraí).<sup>3</sup>

---

<sup>2</sup> Para a realização deste trabalho, foram realizadas pesquisas nos museus históricos públicos. As outras categorias não foram analisadas.

<sup>3</sup> O centro Cultural do 5º Regimento de Cavalaria Mecanizado não se enquadra na análise deste trabalho, pois é museu militar e não é mantido pelo município. A inclusão deste Centro deve-se pelo fato de que é o único espaço destinado à preservação da História local e regional na cidade de Quaraí.

Porém, percebemos, no trabalho gerenciado pelos museus, uma grande dificuldade em potencializar as possíveis atividades que eles podem perpassar nas cidades visitadas.

Em parte, esta problemática é fruto da falta de investimentos, tanto na educação, quanto nos museus. O poder público e as esferas organizacionais do Mercosul, não demonstram interesse efetivo na adoção de práticas concretas do desenvolvimento integrado da educação e, conseqüentemente, nos espaços museológicos.

O presente trabalho procurará analisar se estes museus podem cumprir com a função de integração cultural e educacional das populações do Brasil, Argentina e Uruguai. Para tanto, foi necessário introduzir em nossa análise mais dois elementos que fazem parte do estudo: a Fronteira e a Integração.

No primeiro capítulo, é analisada a formação dos museus no Brasil, como eles foram estruturados e quais as mudanças físicas e metodológicas que ocorreram nesse processo. No segundo capítulo, é analisada a formação da fronteira, os diferentes aspectos que ela assume hoje, relacionando-a com o poder e com a ideologia que está presente em sua história e que podem nos dividir ou nos unir, dependendo do ponto de vista adotado. No terceiro e último capítulo, é feito um balanço da integração cultural ocorrida entre a população brasileira, a argentina e a uruguaia, discute-se a questão de os museus servirem de instrumento integracionista do Mercosul e apresenta-se uma proposta possível de desenvolvimento econômico e cultural: o Turismo.

## **1.1 Problematização**

O que motivou o presente estudo foi o questionamento que fazíamos sobre os museus históricos e públicos tornarem-se um instrumento eficiente na promoção da educação e da propagação da cultura fronteiriça.

## **1.2 Objetivos**

O principal objetivo deste trabalho é diagnosticar como estão conformados esses museus e como eles podem servir de instrumento para a propagação de uma cultura comum a uma região internacional, comportada pelo Mercosul.

### **1.3 Justificativa**

Ao analisar a região oeste do Rio Grande do Sul, fronteira com a Argentina e o Uruguai, percebemos um relativo atraso econômico, educacional e cultural, se comparado a outras regiões desse mesmo Estado. Também percebemos uma deficiência no avanço de algumas áreas de atuação do Mercosul, principalmente na de integração cultural. Outro fator que nos motivou para a pesquisa foi o fato de não haver bibliografia específica sobre os museus fronteiriços, nem uma produção expoente no que diz respeito às práticas culturais dentro do Mercosul. Assim, apontamos os museus históricos localizados na região de abrangência deste estudo como um instrumento da promoção da integração mercosulina, já que é uma região que apresenta importantes processos históricos da formação de Estados Nacionais, assim como auxilia na visualização de uma história social, permeada de contradições e embates, que, por ora, estão conservados nesses espaços museológicos. Sabendo que a plena integração do Bloco Mercosul só se dará com a prática de outros planos, que não só as trocas comerciais, percebemos a importância de um instrumento para a educação para a integração, qual seja, os museus da fronteira do Rio Grande do Sul com a Argentina e o Uruguai.

### **1.4 Metodologia**

Como a bibliografia específica sobre o tema é inexistente, recorreremos à pesquisa de campo, com visita aos espaços museológicos já citados anteriormente, a fim de registrar, com questionários e fotografias, a situação presente nesses espaços. A leitura de textos sobre museologia, museografia, assim como a economia e legislação sobre o Mercosul também foram efetuadas. Os questionários utilizados para a pesquisa não estão explicitados neste trabalho, eles apenas contribuem para expressar dados e informações adicionais sobre os museus visitados. O questionário aberto é o que foi utilizado, e nem todos os espaços puderam ser adentrados, prejudicando assim a formalização em dados dos mesmos.

## 2 MUSEU

Este capítulo trata sobre uma instituição que começou a tomar forma por volta do século XIX e que carrega consigo a materialização da história: os museus. Os museus de história abrigam aquilo que representa a objetificação e personificação de pessoas, grupo de pessoas, sociedades e culturas que, de certa forma, demonstram como eles conviviam e relacionavam-se. Esses objetos abrigados pelos museus foram feitos por homens e, mais do que isso, retratam sua trajetória dentro do contexto social onde estavam inseridos.

O objetivo deste capítulo é o de apresentar, brevemente, como os museus se desenvolveram ao longo de sua existência para embasarmos nosso estudo, na tentativa de delinear a situação atual dos museus históricos e públicos (não particulares) e, principalmente, como esses museus localizados na região fronteira podem contribuir na integração social e cultural dentro da perspectiva do Mercosul.

A escolha por delimitar este estudo aos museus de acervo eminentemente históricos e mantidos pelo poder público tem seus motivos: o primeiro visa a contemplar uma das áreas de formação do Mestrado de Integração Latino-Americana e é sobre a esfera pública que o Mercosul tem maior poder de decisão, propiciando iniciativas de projetos e programas nessas áreas.<sup>4</sup>

Hoje, a definição do Conselho Internacional de Museus (ICOM) para museus, segundo a *Revista Museu* (2005) é a seguinte:

Uma instituição permanente, sem finalidade lucrativa, a serviço da sociedade e de seu desenvolvimento. É uma instituição aberta ao público, que adquire, conserva, pesquisa, comunica e exhibe evidências materiais do homem e seu ambiente, para fins de pesquisa, educação e lazer.

Já a Associação Americana de Museus, apresenta uma definição mais completa:

Uma instituição estabelecida, sem fins lucrativos, que não se ocupa prioritariamente de exposição temporárias, aberta ao público e administrada para o bem público, com a finalidade de conservar, preservar, estudar, interpretar, colecionar e exibir para o público, para sua instrução e fruição, objetos e espécies de valor educativo e cultural, incluindo material artístico, científico (seja animado ou inanimado), histórico e tecnológico. Museus assim definidos devem também incluir jardins

---

<sup>4</sup>Sabemos que existem museus mantidos pela iniciativa privada no Rio Grande do Sul, na Argentina e no Uruguai, mas na região fronteira dessas localidades não encontramos museus históricos privados.

botânicos, zoológicos, aquários, planetários, sociedades históricas, casas e propriedades históricas que preencham os requisitos acima referidos (COELHO, 2004, p. 269).

Esses dois conceitos exprimem a importância e a utilidade dos museus, principalmente na qualidade de suportes do ensino de História, Ciências, Botânica para estudantes dos mais diferentes níveis. Assim, estudar essas disciplinas pode se tornar mais fácil e agradável, auxiliando os alunos na tarefa da memorização dos conteúdos. Afinal, quando se tem um objeto, uma amostra concreta do que se está estudando a compreensão se torna uma consequência.

Mais do que isso, os museus podem demonstrar a trajetória de uma determinada sociedade, podem ainda diferenciar ou aproximar indivíduos de uma mesma sociedade, estado e país. Os museus criam condições para que o imaginário de determinado grupo de pessoas se perpetue ou, ainda, que os imaginários das gerações passadas sejam lembrados no presente. Eles ali coexistem com o nosso presente e cabe a nós julgá-los e processá-los de acordo com nossa trajetória pessoal de discernimento e conhecimento dos fatos passados, sendo esse discernimento passível de modificações, conforme vamos acessando essas novas informações obtidas nos museus.

Sendo assim, precisamos analisar como foi desenvolvida a criação dos museus ao longo do tempo e, brevemente, demonstrar como os diferentes povos tratavam seus objetos, para depois podermos verificar qual a importância e utilidade real hoje dessa instituição que existe no mundo todo.

Nos tópicos que se seguem, serão abordados alguns temas que estão no dia-a-dia dos museus fronteiriços. São temas que estão nas entrelinhas dos documentos, fotos, objetos e arquitetura resguardados pelos museus que revelam mais por justamente fazer parte de um universo de formação de identidade gaúcha e platina, permeada de lutas, guerras e acordos. A ideologia, o poder e a identidade são categorias que, se analisadas dentro desse contexto histórico-cultural-político, auxiliam-nos a revelar uma outra forma da história, aquela não encontrada nos livros didáticos, mas baseada em elementos materiais, sendo mais fácil, por consequência, o aprendizado dos estudantes e público que frequentarem tal museu.

Determinamos para efeito deste estudo, os museus históricos e mantidos pelos municípios localizados nas cidades de região da fronteira oeste do Rio Grande do Sul, com as respectivas cidades fronteiriças da Argentina e Uruguai. As cidades que foram visitadas e que serviram de parâmetro para as constatações efetuadas foram: Santana do Livramento (RS) e Rivera (URU); São Borja (RS) e Santo Tomé (ARG); Quaraí (RS) e Artigas (URU).

## 2.1 Breve histórico dos museus

Para os gregos, o *templo das musas*, o *mouseion*,<sup>5</sup> era um lugar dedicado à contemplação e ao exercício do pensamento, onde as artes e ciências seriam livremente manifestadas para agrado das divindades.

Para os egípcios e, posteriormente, para os romanos, o *mouseion* era o local de discussão e ensinamento do saber. Porém, para os romanos, esse saber torna-se um pouco mais específico: o local de discussão filosófica (COELHO, 2004).

Já na Idade Média, a instituição que passou a possuir grande parte das mais importantes obras de arte foi a Igreja. Esse cenário começou a mudar somente no século XV, quando as poderosas famílias italianas investiram tanto na produção artística quanto na preservação de peças antigas.

Considera-se que os museus modernos são herdeiros do colecionismo. Eles sempre estiveram atrelados às classes dominantes que, por deleite ou pura curiosidade, criaram os ditos *chambres de merveilles*, jardins reais, galerias, gabinetes de curiosidades. Foi no período do Renascimento que as maravilhas encontradas nas viagens ao Oriente e à América tiveram seu espaço para serem contempladas. Esse estágio foi o da simples coleta, da observação empírica, da descrição e da classificação. Nesse período, os museus abrigavam o novo, o desconhecido, o que não era comum aos olhares das sociedades que se limitavam a uma geografia pouco conhecida.

Até então, as coleções eram particulares, dentro dos castelos e reinados, excluindo a grande maioria da população do acesso a esses objetos. Somente em 1683 é que o primeiro museu público<sup>6</sup> foi aberto na Europa. O *Asmoleum Museum* foi inaugurado na Inglaterra e estava vinculado à Universidade de Oxford.<sup>7</sup> Era formado por coleções doadas por Tradescian e Ashmole. Seguindo a mesma linha, foram abertos o *Museu do Louvre* (1793), o *Altes Museum*, em Berlim (1810), o *Museu do Prado* (1819) e o *Museu Hermitage* (1852), segundo Coelho (2004).

No Brasil, o Museu Nacional foi criado, em 1818, a partir da *Casa dos Pássaros*, por D. João VI, no Rio de Janeiro, como afirma Marly Rodrigues em seu texto: *Preservar e*

---

<sup>5</sup> Na mitologia grega, as musas eram as filhas de Zeus com Mnemosine, a divindade da memória. As musas, que eram donas da memória absoluta e imaginação criativa, ajudavam os homens que iam aos seus templos para esquecer a ansiedade e tristeza. Com suas danças, músicas e narrativas, as musas faziam com que a mente dos homens repousasse e pudesse criar e alcançar o pensamento profundo e criativo, libertando-os, assim, dos problemas e aflições cotidianas.

<sup>6</sup> Devemos ter a noção de “público” diferente da que usamos hoje, pois na época de fundação do museu, a visita ao espaço era restrita a artistas, estudiosos e classes dominantes.

*consumir: o patrimônio histórico e o turismo* (FUNARI e PINSKY, 2001). Começava, assim, o início da prática dos museus no País, seguindo a mesma lógica européia.

Em 1936, Mário de Andrade criou um projeto de lei que visava preservar o patrimônio cultural e artístico nacional, possibilitando, assim, que a noção de preservação ganhasse espaço no poder público. Pretendia-se preservar todas as obras de arte pura ou aplicada, popular ou erudita, nacional ou estrangeira, pertencentes aos poderes públicos, a organismos sociais e a particulares nacionais ou estrangeiros residentes no Brasil. Getúlio Vargas criou, em 1937, o Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), que já começava, na prática, a tomar algumas medidas de preservação e legislação referentes a bens culturais.

Em 1946, surge o ICOM, uma instituição civil ligada à UNESCO. Com o intuito de discutir os rumos da museologia, o ICOM analisa e determina quais foram os museus que serviram de modelo no passado e quais os que o são no presente. Não só os museus entram na esfera do ICOM, mas também centros de documentação, sítios e monumentos arqueológicos, instituições que mostram espécies vivas, como zoológicos e jardins botânicos, aquários, viveiros etc. Reservas naturais, centros de ciências e planetários também estão sob a ótica do Conselho Internacional de Museus (BARRETO, 2002). As primeiras regulamentações oficiais internacionais que contribuíram para o desenvolvimento das atividades de preservação e restauro cultural foram a *Carta de Atenas* (1931) e a *Carta de Veneza* (1964). Sendo que esta última é uma ampliação da *Carta de Atenas*, que foi elaborada no II Congresso Internacional de Arquitetos e Técnicos de Monumentos Históricos, em Veneza, em maio de 1964. O artigo sétimo da *Carta de Veneza* (2005) expressa muito bem a noção de totalidade de conservação, não dissociando o objeto a ser conservado (ou restaurado) de seu ambiente histórico: “o monumento é inseparável do ambiente em que se situa e do qual é testemunho histórico”.

Neste século, o conceito e prática dos museus passaram por uma (re)evolução. No mundo contemporâneo, em que ocorre milhares de evoluções tecnológicas, muitos foram os fatores responsáveis pela modificação da estrutura e funcionamento da maioria dos museus. Agora os museus abrigam o velho, o passado, o que já é comum aos nossos olhos e que, por isso mesmo, passa para a condição de singularidade desses objetos. Uma cadeira, uma escrivaninha, roupas, enfim, tudo o que hoje pode facilmente ser descartado e trocado por outro, ganha a condição de raridade, de peça única que abriga uma história, seja ela pessoal ou coletiva. Naquele objeto exposto no museu está a síntese do que um dia fez parte a utilidade real primeira de tal

---

objeto. Essa condição assumida pelo objeto é a transformação dele em documento histórico (HORTA, 2005).

A nova consciência patrimonial, produzida após a Segunda Guerra Mundial, trouxe à tona a necessidade de se preservar não só obras de arte, obras históricas e culturais, mas também a totalidade do espaço que as cercam. As guerras demonstraram que tudo pode ser passível de destruição, desde as edificações como as relações sociais que se formam.

Outro fator que também surgiu logo após as guerras mundiais foi a redefinição dos demarcadores (limites e fronteiras) e atrativos das cidades (MARSHALL, 2001). Pois, se houve uma nova forma de estruturação de espaços, conseqüentemente, a sociedade a qual está assentada neste espaço também foi afetada pelas mudanças, oriundas também da globalização, que aproximou ou, em outros casos, dividiu países e estados. A globalização, aliás, foi a grande responsável pela mudança de vida das pessoas. O consumo foi e está sendo a principal forma de apropriação de bens, culturas e saberes. Hoje se consome cultura e, muitas vezes, paga-se um valor alto por ela. Sabe-se que a grande maioria dos “produtos culturais” não estão disponíveis para as classes média e baixa da população brasileira. Os ingressos de cinema, teatro e *shows* são altos e, na pirâmide das prioridades, os produtos culturais ficam em último plano. Estes “produtos culturais” não devem ser encarados como um outro produto qualquer; ele deve ser visto como uma opção de educação e entretenimento que promove a cultura erudita ou popular.

De certa forma, esse consumo, que é fomentado pelo sistema capitalista, está trazendo mudanças na parte museográfica. Os museus tiveram que se adequar ao novo modo de consumir das pessoas, eles tiveram que lhes oferecer algo que pudesse ser “digerido”, ou seja, que pudesse ser visto e compreendido.

As práticas utilizadas na televisão, na Internet, nos jornais e espetáculos foram transferidas para os espaços museológicos. A interatividade e a realidade virtual estão sendo utilizadas em formas de informação, localização e explicação histórica dos objetos e fatos expostos. É assim que a digestão (compreensão) pode ser feita pelos leigos visitantes.

Esses fatores deram uma nova tratativa ao trabalho gerido nos museus. Existem especialistas que afirmam que essas novas técnicas de museografia não são as mais adequadas, pois somente reafirmam o *status quo* de uma sociedade consumista. Por outro lado, estudiosos tendem a explicar que, assim, a história e os saberes em geral podem chegar de forma clara aos expectadores, que esta seria a alternativa possível de se compreender determinados processos históricos, utilizando-se uma linguagem mais simples, mais “audiovisual”. Observando a forma de exposição dos objetos nos museus das cidades

visitadas, percebemos que a história factual e documental, aquela dos heróis, é a que prevalece. Como exemplo, citamos o museu do 5º Regimento da Cavalaria Mecanizado, em Quaraí, RS (Figura 1), único espaço destinado à preservação da cultura da região na cidade, uma vez que não há museus em Quaraí. Este museu utiliza uma forma de exposição tradicional, obedecendo a preceitos positivistas. Os objetos que fazem parte dessa história factual são os mesmos que fazem parte de uma história crítica e processual. Exemplo disso é a sala dos troféus (Figura 2), que expressa muito bem a noção da História Tradicional, na qual o prêmio pela bravura e a idéia de competição são contemplados com troféus. O que deve ser mudado são as *formas* de exposição e o método desenvolvido dentro dos museus, o que, de certa forma, já começa a ser posto em prática em algumas instituições.



Foto registrada pela autora em 19/01/2007.

**Figura 1 – Parte da exposição do Espaço Cultural do 5º Regimento de Cavalaria Mecanizado – Cavalaria da Legião de Tropas Ligeiras de Quaraí, RS, dentro do quartel da cidade.**



Foto registrada pela autora em 11/01/07.

**Figura 2 – Sala de troféus do Espaço Cultural do 5º Regimento de Cavalaria Mecanizado.**

Apesar de termos hoje essas novas formas de exposição, alguns cuidados devem ser tomados para que esses museus não se tornem espaços em que o espetáculo seja mais importante que o conteúdo do acervo em si. O mercado simbólico, a indústria cultural, a sociedade do lazer, a comunicação de massas, a sociedade de consumo, a sociedade da informação, a realidade virtual, a marginalização social etc. são manifestações que põem em risco a veracidade e o real significado do acervo histórico, por exemplo. Essas manifestações, filhas da globalização, podem mascarar e tornar-se mais relevantes quando o que se quer é a possibilidade de acesso mais intenso do sentido primeiro desses acervos.

Entretanto, essas inovações na área museográfica têm obedecido, de um lado, à preparação dos responsáveis de que essas instituições só poderiam continuar a desenvolver devidamente suas funções didático-pedagógicas caso se adequassem aos novos modos de compreender das novas gerações, impulsionadas por toda uma nova tecnologia e informação instantânea disponível a eles.

Porém, essas modificações só se manifestaram a partir da década de 1970, quando começaram as discussões sobre qual o *papel social dos museus* (BARRETO, 2002). Havia a

cobrança para que eles tivessem alguma utilidade na promoção de mudanças sociais, apesar deles não terem o poder de mudar injustiças, eles podem (e devem) mostrá-las e discuti-las.

Segundo Ramos (2000), com base nessas modificações que o mundo globalizado nos permite, percebemos que há uma nova forma de “olhar” os objetos de um museu. Antes os objetos eram contemplados e analisados, obedecendo à “neutralidade científica” defendida pela história tradicional. Hoje, para os museus tornarem-se de fato uma opção de educação, eles devem estar organizados de forma a permitir argumentos críticos e a criar novas formas de interação com o público visitante (tanto o estudante quanto o turista). O sistema de ensino também deve abrir-se para novos currículos que tragam procedimentos político-pedagógicos que contemplem a possibilidade de se tratar os museus como tema de sala de aula.

Se, por um lado, ainda temos museus que comportam as regras de suas primeiras organizações sem a preocupação de olhares críticos, e sim com a tarefa da simples observação, por outro lado temos novos modelos de museus que permitem ao público visitante uma nova forma de enxergar os fatos históricos. Isso torna os acontecimentos de seu passado mais próximos de sua realidade, como, por exemplo, o trabalho que está sendo desenvolvido no Museu do Ceará, que apostou em novas formas de exposição dos objetos, e no Museu da Língua Portuguesa (Figuras 3 e 4), referência internacional na tratativa da museografia e museologia e também uma inovação no conceito de “objeto”, objetificando e materializando uma língua nacional.



Fonte: <<http://www.estacaodaluz.org.br>>.

**Figura 3 – Fachada do Museu da Língua Portuguesa, localizado em São Paulo, Brasil.**



Fonte: <<http://www.estacaodaluz.org.br>>.

**Figura 4 – Uma das salas do Museu da Língua Portuguesa. Observamos a utilização de recursos midiáticos para a explicação aos visitantes, uma das técnicas propostas da Nova Museologia.**

Estes espaços inovadores permitem que o aprendizado reflexivo seja posto em prática pelos visitantes (mesmo que de forma inconsciente). O Museu da Língua Portuguesa e o Museo de Arte Latinoamericano, por exemplo, têm as condições técnicas e metodológicas para que o público visitante seja realmente inserido na exposição, o que torna a compreensão dos processos – que se materializam em formas de objetos—muito mais fácil. Este é o principal fator de diferenciação entre estes espaços museológicos e aqueles tradicionais (como o Museu David Canabarro, por exemplo).



fonte: foto da autora.

**Figura 5- Interior do Museu David Canabarro.**

As mudanças tecnológicas que estão fazendo parte dos museus contemporâneos, como o Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires (MALBA), ilustrado nas Figuras 5 e 6, não estão em todos os lugares da Argentina, assim como estas inovações do Museu da Língua Portuguesa também não estão em todo o Brasil. Algumas regiões ainda sofrem com o atraso tecnológico, não só e muito menos na área museológica, mas também em outras esferas do cotidiano. Não há a intenção de exigir que todas as inovações tecnológicas estejam presentes nos museus brasileiros. O desafio é que os museus se tornem aptos a oferecer aquilo que seus visitantes queiram e que auxiliem na promoção de educação e ganho cultural individual e coletivo.



Fonte: <<http://www.malba.org.ar>>.

**Figura 6 – Fachada do Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires.**



Fonte: <<http://www.malba.org.ar>>.

**Figura 7 – O espaço interno do Malba.**

## **2.2 Ideologia dos museus e ideologia nos museus**

Relacionar a ideologia presente em cada museu com seu acervo e modo de exposição pode ser uma alternativa que não irá nos mostrar por completo sua verdadeira face. O discurso presente nas legendas dos objetos e, mais que isso, o discurso proferido pela pessoa encarregada pela visita guiada (quando ela existe) ao longo da visita têm grande relevância ao determinar a ideologia daquele museu. Quando assistimos à visita guiada na Casa-Museu Getúlio Vargas, percebemos que o discurso proferido pela monitora revela o principal interesse do museu: legitimar a importância política e social que Getúlio Vargas teve na história brasileira, exaltando as qualidades do governista, sua bondade e caridade. Se Getúlio Vargas foi bondoso ou caridoso não cabe a nós julgar. Entretanto, a nosso ver, este museu poderia atentar para outros aspectos, como a conjuntura mundial que o Brasil estava inserido naquela época e que levou Getúlio Vargas a tomar certas medidas em seu governo, por exemplo.

Assim, cada espaço museológico defende suas idéias e pressupostos de acordo com o discurso de quem o faz. Não é somente o acervo que determina a ideologia do museu, mas, ainda mais relevante, é a comunicação efetivada, por meio das legendas, das visitas guiadas, da forma de exposição dos objetos etc.

Para melhor entendermos o sentido de ideologia, é necessário categorizá-la. Por ideologia cultural entendemos ser a orientação seguida por uma prática, ou política dentro de um contexto histórico-cultural que permita a propagação de valores e concepções libertárias, autoritárias ou, ainda, totalitárias (COELHO, 2004). Assim, o museu é propagador daquilo que o sustenta, afetando, de certa maneira, a visão de mundo daquele que o visita. A complexidade de idéias que circunda o ser humano é diariamente afetada (consciente ou inconscientemente) pelo conjunto de imagens, sons, símbolos que estão presentes no nosso cotidiano, fazendo com que nossos padrões de gostos e conhecimento sejam interferidos (GASTAL, 2005). Com o museu, o processo é o mesmo, na medida em que ele oferece ao visitante sua concepção de valores, traduzida na forma de exposição nos objetos ali guardados.

Podemos ter o mesmo acervo de um museu apresentado em diferentes formas e combinações. O que determina a ideologia, o conjunto de valores que cada objeto carrega não é o objeto em si, mas a forma como ele é apresentado. Isso determina qual o sistema de representações que aquele museu adota para com o seu público.

Assim como os museus são dotados de uma ideologia que aparece na forma de exposição dos objetos, os objetos e fatos ali expostos também carregam um conjunto de idéias próprias.

De fato, se analisarmos a Casa-Museu de Getúlio Vargas, perceberemos que os objetos são a representação daquilo que Getúlio Vargas acreditava, pois eram os meios de utilização de suas idéias e valores.

Os objetos museificados são a materialização da ideologia daquele a quem pertenceu, transparecendo suas atitudes e ações. Entretanto, a escolha dos objetos a serem expostos, ou seja, quem irá fazer a “triagem” da exposição, também contribui para o desvelamento de certos sentidos de idéias e valores ou, em contrapartida, o resguardo de tal sentido. Se, como exemplo, algum responsável pela organização de exposição de alguma figura histórica, encontrasse alguma carta ou documento que denunciasse outra visão do fato ou do personagem e não quisesse levá-la a público, não saberíamos, certamente, dessa nova face da história. Com certeza, a “responsabilidade social” que essa atitude acarretaria teria proporções bem maiores.

Os objetos encontrados nos museus localizados na região fronteira tendem a apresentar certas características comuns. As figuras jesuítas, os artefatos arqueológicos, as armas (brancas ou de fogo) são alguns exemplos que demonstram as representações de uma sociedade que foi assentada sobre uma história de confrontos sociais, disputas políticas e atividade econômica baseada no cultivo do gado. Essa história, que foi comum a todo o Rio Grande do Sul, Argentina, Uruguai e Paraguai, transparece na ideologia desses objetos museificados.

### 2.3 O poder nos museus e o poder dos museus

Dentro de um determinado conjunto de acervo museológico, podemos identificar categorias explícitas e implícitas nos objetos de tal exposição, como a Identidade e o Poder, transparecidos nesses objetos e nem sempre perceptíveis numa primeira visitação a esses espaços.

Pretendemos demonstrar duas dessas categorias que pertencem ao objeto de nosso estudo, com o intuito de afirmar que os museus resguardam uma história dinâmica e capaz de informar muito além, e que nem sempre é vista como “interessante” e “útil” aos olhos de quem os visitam. E mais, que esta mesma história pode mostrar-nos novas formas de encarar fatos já preestabelecidos, principalmente em uma região onde a História Positivista foi muito propagada e cultivada.

O poder pode surgir em muitas faces. Sendo assim, o poder que iremos descrever é aquele guarnecido no museu, traduzido em armas, espadas, lanças, armaduras, aquele poder de guerra, de força, enfim, aquilo que está presente no universo gauchesco e da fronteira do Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai.<sup>8</sup>

Entretanto, esse poder, personificado em armas e espadas, revela-nos um contexto social e histórico muito além das guerras e batalhas que ocorreram na região fronteira do Rio Grande do Sul. Ele nos mostra a divisão social, a hierarquia, o *status* de quem guerreava a favor ou contra alguma questão diplomática (que, na maioria das vezes, estava ligada à posse de terras). Este é o poder social: a influência que a tomada de terras e espaços gera no seio da sociedade.

Também demonstra, de certa maneira, a evolução de uma sociedade que antes guerreava com espadas e facas (as armas brancas) e que, com o advento da industrialização e a perspectiva de produção em série, começa a produzir armas de fogo, mudando consideravelmente as táticas adotadas pelos exércitos, revelando uma mudança na organização das fábricas, que começam a surgir, e das cidades que recebem um maior contingente de trabalhadores (MENESES, 1992).

Ao analisarmos os acervos dos museus pesquisados, percebemos que as armas, os uniformes de batalhas, bandeiras, lenços e demais adereços utilizados assumem uma condição de objeto-troféu, traduzindo a “bravura” de quem o ostentava. Apesar dessa forma romântica de ver tal fato, há que se considerar as condições que esses “heróis” se encontravam em determinado momento de confronto. Está no trabalho gerido pelos responsáveis desses museus organizarem a

---

<sup>8</sup> O marco cronológico a que se refere é a partir, principalmente, do final do século XVII ao final do século XIX, período esse que, como será mostrado no capítulo 2, é marcado por muitas disputas internas e com outros países a respeito de demarcação de terras, posse de rios e monopólio de mercadorias.

exposição de forma ela que traga informações para que aquela arma seja tratada num contexto mais verossímil, em que a linha de frente dos confrontos eram compostas por índios reduzidos, mestiços, negros, enquanto os donos de terras e estancieiros estavam em posições mais seguras.

O museu, quando tratado na esfera de uma instituição pública, tem o dever de assumir uma função didático-pedagógica eficaz na promoção de conhecimento e alternativas de educação. Mais do que apresentar dados e fatos, o museu tem o poder de demonstrar, com o material disponível, o universo sociocultural que o aluno está inserido, valorizando seu meio ambiente, seus valores e crenças. Isso é importante na medida em que este resgate da memória coletiva está sendo necessário, pois hoje está se tornando comum a valorização de modos e costumes estrangeiros, que não condizem com a realidade, principalmente do jovem, que busca na televisão, música e Internet alternativas de significado de sua identidade. Não se trata de negar o novo, a modernidade e a comodidade que esses novos meios de comunicação oferecem, mas, sim, a preocupação de que somente esses padrões (exteriores) é que servem para a identificação de grupos.

O museu tem o poder da educação. Isto significa que, se bem preparado para isso, ele oferece a alternativa de reconstrução de valores históricos, do meio ambiente, e culturais locais que, de certa forma, estão sendo relegados, além de um importante método de aprendizagem auxiliar de diferentes disciplinas, aproveitando o que esses museus têm para o cotidiano da sala de aula.

Por isso é que o museu assume a responsabilidade (e tem o poder para isto) de resgatar esse conjunto de sentidos inerentes de tal sociedade. Deixemos de lado o fetiche pelo objeto ou a sua sacralização e passemos a atraí-lo para o cotidiano da sociedade desse objeto, a fim de pôr em prática o resgate da memória e da história.

O museu tem poder na medida em que oferece ao seu visitante alternativas para a diversificação do conhecimento, do lazer, da diversão e da fruição. Quando tomamos como parâmetro um museu histórico da região fronteira, o poder do museu está presente no momento em que pode mostrar ou ocultar as diversas faces da história ocorrida naquele lugar, pois a maioria deles abarca objetos e fotografias dos responsáveis por essas disputas, tratados e acordos.

Entretanto, o poder dos museus não está somente no bem que ele pode trazer à sociedade. O museu tem o poder também de renegar algumas ações, de mascarar algum feito e de obstruir o verdadeiro sentido de tal objeto. O poder pode ser maléfico na medida em que a instituição não está preparada para receber visitantes, perpassando a noção que há muito tempo ronda as conversas sobre o assunto. A “velharia” tratada e exposta no museu ganha esse tom pejorativo quando os responsáveis por ele descartam as oportunidades de investir no acervo, de explorar

mais profundamente tal objeto, de fechar as portas aos domingo. O museu tem o poder do bem, mas também pode fazer o mal, como explicita Chagas (2005, p. 20):

Os museus entram no século XXI em franco movimento de expansão e continuam exercendo, em nome de sujeitos mais ou menos ocultos, o seu poder que tanto serve para libertar quanto para tiranizar o passado e a história, a arte e a ciência.

A idéia que hoje perpetua nas salas de aula ou mesmo quando a informação vem de responsáveis por secretarias municipais das cidades visitadas é que museu é sinônimo de coisa velha e sem importância.<sup>9</sup> Clichê maldizente, pois se os museus fossem tratados de forma diferente da que vem ocorrendo, essa idéia poderia ser modificada.

Um fato que não pode ser provado cientificamente, pelo menos no presente estudo, mas que merece atenção, é que quanto mais desenvolvida a cidade (com comércio bem localizado, infra-estrutura urbana, alguma atividade econômica ativa) maior é a sua preocupação com os patrimônios históricos da cidade e melhor é a sua percepção à importância de preservação cultural. Percebemos isto comparando duas cidades sul-rio-grandenses analisadas neste estudo: São Borja e Quaraí. São Borja é uma cidade que apresenta uma infra-estrutura urbana adequada, com comércio ativo e razoável atividade econômica. O tratamento que está sendo dado aos museus da cidade é bem diferente do que as outras cidades fronteiriças visitadas,<sup>10</sup> assim como a preocupação em oferecer projetos culturais para a população. Por outro lado, Quaraí deixa a desejar quando analisada a infra-estrutura da cidade, as opções de lazer, de comércio e, principalmente, a atividade econômica, que não absorve grande parte da população, tendo como principais focos, a base militar e grandes fazendas. Nessa cidade, sequer existe um museu. O único Centro Cultural localiza-se dentro do 5º Regimento de Cavalaria Mecanizado, com um acervo essencialmente militar.

O poder está na ação dos responsáveis pela manutenção e preservação das instituições públicas museológicas, que podem manejá-lo a favor ou não de uma educação de qualidade e adequada às necessidades da população local.

## **2.4 A identidade nos museus e a identidade dos museus**

<sup>9</sup> Em visita à cidade de Quaraí, no Rio Grande do Sul, a pesquisadora foi surpreendida com uma piada de mau gosto, quando pedia informações no Centro Administrativo da cidade: “Museu aqui em Quaraí? Só se for o asilo da cidade!”

<sup>10</sup> Na cidade de São Borja, foram visitados dois museus: o Museu Getúlio Vargas (Anexo B) e o Museu Aparício Silva Rillo (Anexo C). Este último, na época da pesquisa, estava sendo reformulado, com modificações, dentre outras, como: climatização da sala de exposição, vitrines, suportes, aparelhos para a conservação de peças.

A identidade cultural é a relação entre indivíduos e grupos e entre estes e seu território de vivência, em que produzem e reproduzem seu espaço e seu tempo. Assim, a língua, a religião, os ritos profanos e as manifestações artísticas são núcleos (duros) que identificam indivíduos de uma mesma sociedade (COELHO, 2004). Esses núcleos duros a que Coelho se refere são aspectos que dificilmente irão se modificar ao longo do tempo, sendo sempre, eles mesmos, os melhores indicadores de dita sociedade.

Entretanto, Coelho (2004) também aponta para a substituição do conceito de identidade (que não muda) para o conceito de identificação (“processo cambiante”). A identificação cultural tem como principal característica a construção continuada de significados que fazem parte da vida de determinada sociedade, que, se tornando complexa e contraditória, faz com que o processo de identificação seja composto por uma série de camadas de significação que os próprios indivíduos absorvem e refletem em seu convívio. O principal fator influenciado por essa nova configuração cultural, segundo Coelho (2004), é a *globalização*, pois ela “borra” os contornos das identidades (aqueles núcleos duros que se perpetuaram por muito tempo em comunidades com difícil contato com o externo), ficando difícil de perceber o que é inerente e o que é estranho a tal sociedade.

Esta nova dinâmica cultural produz uma nova situação no momento de propor programas de ação cultural, como se pretende pôr em prática por certos Fóruns, Comissões e Secretarias do Mercosul. A inviabilidade da manutenção, reforço ou construção da identidade cultural (como demonstra COELHO, 2004) está presente no momento em que não há um parâmetro específico de identificação por tratar-se de sociedades bem peculiares entre si (argentinos e brasileiros, por exemplo). Entretanto, essa inviabilidade é superada no momento em que a *integração* é posta como o fator comum entre os países membro do Mercosul, respeitando-se as diversidades de cada país, mas com um objetivo em comum: tornarem-se parceiros em políticas de desenvolvimento, competitivos comercialmente e manter as heranças patrimoniais e culturais de forma a permitir que a população de hoje e as gerações futuras conheçam os processos históricos que nos trouxeram até aqui.

Todo esse aparato teórico de identificação serve para visualizar, quando adentramos em um museu, os aspectos que nos ligam aos objetos de uma exposição. Ou seja, os objetos ali expostos, de coronéis, presidentes, marechais, obras jesuíticas etc. (e não somente) fazem parte também do *nosso* processo de construção social, entre brasileiros, uruguaios, argentinos e paraguaios. Perceber essa tênue ligação entre a figura ilustre do coronel, do índio guarani e da população da cidade de hoje é tarefa do museu. As identidades desses elementos estão expostas e representadas naqueles objetos do Museu Aparício Silva Rillo, em São Borja, e do Museo Pablo Argilaga, em Santo Tomé, Argentina, por exemplo.

É tarefa do museu aproximar os componentes identitários da população que o visita, fazendo com que o reconhecimento ocorra e o estranhamento se afaste. A cultura missioneira dos pampas gaúcho e platino é muito mais comum entre o Rio Grande do Sul, Argentina, Paraguai e Uruguai do que com outras manifestações culturais que ocorrem pelo resto do Brasil. Os gaúchos têm costumes, tradições, linguajar, modos de vestir-se muito mais parecidos com seus vizinhos fronteiriços do que com os costumes das populações nordestinas.

Até mesmo por ser um país quase que continental, a preocupação em garantir uma identidade “homogênea” persiste desde o final do século XIX, quando se tentava forjar uma identidade brasileira (ORTIZ, 2006). O pensamento predominante era o evolucionista, em que a formação linear da família, tribo, região etc. levaria a uma unidade mais complexa. Como imaginar uma nação moderna em países compostos por índios e negros e com uma minoria imigrante européia? Infelizmente, para alguns teóricos do século XIX, os brasileiros eram aquilo que não gostariam de ser: a mestiçagem étnica. Isso se torna um problema existente em toda a América Latina.

Com a industrialização, urbanização e o nascimento de novas classes sociais, houve a rearticulação do tecido social (ORTIZ, 2006), mas o problema persiste. Na América Latina, a idéia de nação passa a se associar com a modernidade, o desenvolvimento e o progresso. Esses elementos são sempre projetados para o futuro, como algo ainda a ser realizado. O nacional tende, assim, a subsumir as diferenças, dando pouco espaço para as manifestações particulares (classistas, étnicas, sexuais), com o todo exercendo sua predominância sobre as partes.

Assim, o conceito de Nação, com o sentido de coletivo, tende a ser substituído por aquele de unidade espacial administrativa e militar, assumindo deveres e obrigações com os cidadãos que ali se formam. Hoje, o país foi transformado pelos diferentes processos civilizatórios e ciclos econômicos; está sofrendo com a superficialidade da globalização e necessita do resgate identitário de suas populações locais.

Um dos instrumentos que pode ser utilizado nessa tarefa de resgate da identidade local é o museu. Essa instituição tem o poder para isso, aproximando seus visitantes dos processos históricos ocorridos naquela região. O museu pode abrigar os elementos fundadores das identidades locais, não importando seu tipo de acervo. Mas principalmente os museus históricos oferecem as condições de “ver-se”, de “perceber-se” enquanto membro de uma sociedade.

Quando abordamos o tema da identidade, queremos demonstrar aquilo que faz parte de um indivíduo ou grupo, aquilo que lhe é peculiar, aquilo que o identifica. No caso do museu, a identidade está na forma como ele é apresentado. São os seus elementos constitutivos que lhe dão características próprias.

Alguns museus começaram a assumir novas funções ao longo do tempo: de mero depósito e conservação, onde os objetos e obras eram mais importantes, passaram para uma função voltada ao atendimento do público. A nova forma do museu possibilitou que seus visitantes se identificassem mais com a instituição, sentindo-se mais próximos, integrando-se a um circuito imaginativo e de representações, talvez, tentando assim, resgatar aquela primeira função dos museus egípcios e gregos. A identidade do museu pode ser equiparada à sua função. O museu que educa, o museu que diverte, o museu que deposita tem, em seus diferentes papéis, identidades distintas. Aquele museu que está voltado para a educação deverá assumir condições de acesso para tal finalidade, com programas, exposições e serviços que o levem para a educação de quem o visita (principalmente os voltados para as matérias de ciências naturais e história).

A identidade do museu passou por mudanças com o passar de sua existência, de acordo com as diferentes funções a que eram relegados. A crítica atual existente diz que o museu que trata seus objetos com formas de apresentações semelhantes a espetáculos não condiz mais com sua verdadeira formação, ou seja, não pode ser mais considerado um museu. Viveríamos, portanto, uma crise de identidade dos museus? Ou, talvez, a crise esteja nos próprios responsáveis por essas instituições, já que o profissional de um museu é um ser social, um ator da mudança, um servidor da comunidade (VARINE, 2005) que está sujeito às adversidades que o mundo pós-contemporâneo lhe impõem?

De qualquer forma, é inevitável perceber que as mudanças ocorridas nos espaços museológicos transformaram sua imagem e sua identidade. Resta-nos, agora, usufruir dessas mudanças em benefício do ensino, da propagação da cultura (seja ela popular ou erudita) e do acesso às infinitas possibilidades que o museu oferece para o seu entorno.

## **2.5 Os museus na ótica mercosulina**

Tendo como parâmetros de análise a legislação já elaborada para os museus em âmbito federal e estadual, temos algumas condições para verificar como estão embasados os direitos e deveres do museu brasileiro. Mais do que isso, verificamos onde estão assentadas as práticas de desenvolvimento e propagação cultural encabeçados pelo Ministério da Cultura, órgão regulador e fiscalizador dessas instituições.

Analisando discursos e ações do ministro da cultura, Gilberto Gil,<sup>11</sup> vê-se que a revitalização dos museus e do patrimônio cultural são prioridades em suas ações. Por meio do

---

<sup>11</sup> Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br>>. Especial para *O Estado de S. Paulo*, p. D6, 22 out. 2004.

Decreto n.º 5.264, de 05/11/2004, foram criadas instâncias executivas e legislativas, como, por exemplo, a Política Nacional de Museus, o Departamento de Museus e o Sistema Brasileiro de Museus, em que concentraria a rede de articulação e desenvolvimento dessas instituições.

Quanto aos recursos financeiros destinados a museologia, foi percebido um aumento significativo. Cerca de vinte e cinco milhões de reais foram destinados a essas instituições em 2004.<sup>12</sup> Entretanto, somente duas instituições da região deste estudo receberam auxílio financeiro do IPHAN: a Casa-Museu de Getúlio Vargas e o Museu Aparício Silva Rillo, que destinaram quase que exclusivamente esta ajuda na restauração da parte física destes espaços.

Dentro das diretrizes teóricas apontadas pelo governo federal, está a noção de ampliação do conceito de patrimônio, assim como a idéia de que cultura e desenvolvimento têm de andar de mãos dadas. As novas tendências museológicas, com base na Nova Museologia, também aparecem nos discursos e pautas de programas do governo. Portanto, as inovações na área museológica e museográfica estão contempladas no novo rol de ações governamentais. Projetos de capacitação profissional também estão sendo realizados, com o intuito de formar gestores com grande capacidade de organização e adequação dos espaços institucionais para a apresentação dos museus brasileiros.

Já na esfera de atuação do Mercosul, percebemos uma preocupação significativa pelo processo de integração social. Inicialmente, o Mercosul tinha por objetivo a integração comercial entre os países, o que, em parte, foi alcançado. Hoje, sabe-se que o modelo de integração implantado na década de noventa, na época de criação do Bloco, não é mais suficiente e deve ser complementado com iniciativas que perpassem as esferas meramente econômicas para as esferas culturais, educacionais e sociais. O programa “Somos Mercosul” é um exemplo que ilustra iniciativas da área na promoção da integração social. Com o objetivo de aprofundar os contatos sociais entre as populações participantes do Bloco, o programa tenta aproximar os objetivos do Mercosul ao cotidiano das cidades desses países, aprofundando o processo de integração.

Unir governos, organizações sociais e as instituições do Mercosul tem sido o objetivo das reuniões realizadas pelas chamadas Cúpulas Sociais do Mercosul. As iniciativas começam a ser tomadas quando há a participação daqueles que irão, de fato, fazer parte desses processos.

Todavia, no que diz respeito aos museus, ainda não há uma forma conjunta de assumir iniciativas nessas instituições. As ações educacionais existem em cada país-membro, porém elas não estão convergentes para a educação, para a integração. Para ser a integração social, uma das vias, se não a principal delas, é a ação educacional que permita que os estudantes identifiquem-se

---

<sup>12</sup> De acordo com os dados apresentados no sítio do Ministério da Cultura. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br>>. Acesso em: 19 dez. 2006.

como mesmos membros de um bloco com essas dimensões. Como já foi exposto, o museu pode tornar-se um instrumento de educação, portanto, também merece ser tratado segundo as diretrizes mercosulinas de integração social que se pretende alcançar.

Os museus localizados nessa região fronteira têm condições para promover a integração social e educacional, pois seus acervos fazem parte de uma história que foi produzida em bases comuns. A iniciativa incipiente que o Museu Aparício Silva Rillo quer produzir, em lançar a “capital” missioneira, demonstra que o circuito de produções jesuíticas compreende as cidades fronteiriças do Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai, principalmente. Tomar como ponto de partida a cultura jesuítica, produzida pelos índios reduzidos em Missões, pode ser uma alternativa de identificação comum às populações que fazem parte do Mercosul. Isso demonstra que a neutralidade histórica não existe, assim como também não existe a neutralidade museal. São necessárias alternativas como essa para demonstrar que os espaços museológicos não são inertes, que devem fazer a ligação entre a história local passada com o presente populacional. As pessoas dessas cidades devem reconhecer-se como parte de um processo maior, representado nos museus.

Na cidade de Santana do Livramento (RS), foi analisado o Museu Municipal David Canabarro. De acordo com os documentos encontrados nessa instituição, há uma frase que denota exatamente o cunho histórico e museal que este museu propaga: “Quem faz a História são os documentos”. Quando interpretamos esta frase, concluímos que *somente* os documentos fazem a história, não são os homens, a processualidade, a interação entre as pessoas. Essa frase é o lema do positivismo, no qual somente os heróis e os documentos oficiais (que seriam neutros) é que podem contar a história. Conseqüentemente, esse museu também assume tal condição, de que a história é feita de atos heróicos, por documentos registrados com o intuito de demonstrar somente uma versão da factualidade. Como dissemos anteriormente, esta neutralidade não existe, tampouco nesses espaços museais, em que estão expostos os objetos de tal figura ilustre. O problema nesse espaço não são os objetos em si, mas a forma como eles estão colocados, como troféus de uma batalha em que não se leva em conta todos os outros partícipes, todos os outros interesses e desejos movidos que tais heróis profetizaram. O acervo conta com muitas peças particulares de David Canabarro, como suas fardas, lenços, armas. Também estão expostos objetos que eram da própria comunidade, como a primeira televisão que apareceu no município, a primeira televisão a cores, a primeira “engarrafadora” da cidade. Já do outro lado da fronteira, a cidade de Rivera (Uruguai) conta com o *Museo Municipal de Historia y Arqueologia*. Com um tratamento histórico diferente do que ocorre com o Museu David Canabarro, o acervo conta materiais arqueológicos, líticos, objetos gauchescos, uma pequena seção de numismática entre outras. Após a troca por várias vezes de sua sede, o atual mantedor do Museu, o Sr. Osmar Santos,

em 1995 reorganiza este acervo, incluindo também fotografias, e anexou o Museu de Artes Plásticas. A noção de processualidade está visivelmente contemplada nas exposições temporárias de fotografias que o Museu Histórico organiza, relacionando, em suas legendas e visita guiada, a história local de Rivera com a uruguaia e a brasileira.

Em outras duas cidades fronteiriças, também em divisa com o Uruguai, foi analisada a cidade de Quaraí e Artigas. Na cidade brasileira de Quaraí, não há museu histórico, nem de outra categoria. O único espaço destinado à conservação de bens culturais é o Centro Cultural do 5º Regimento de Cavalaria Mecanizado “Cavalaria da Legião de Tropas Ligeiras”, que está sob os cuidados do Exército da cidade. Com acervo essencialmente militar, a noção histórica que prevalece é a positivista, assim como ocorre no Museu David Canabarro. A neutralidade e o heroísmo são os adjetivos que melhor definem teoricamente esse espaço. E não podemos esperar outra visão histórica em se tratando de um museu militar que, sabidamente, defende esses pressupostos. O centro recebe visitas escolares e excursões, mas serve principalmente para os militares que precisam estudar para provas internas, contribuindo para a propagação dessa visão sectária e asséptica. A cidade uruguaia que faz fronteira com o Brasil é Artigas, onde está localizado o *Museo Departamental de Artigas*. Na ocasião da visita para a pesquisa, não foi possível adentrar o museu, pois, segundo seu responsável, o Sr. José Antonio Soloviy, o museu passava por uma adequação do espaço e de seu acervo. O material que obtivemos foi cadernos de comunicações, folhetos da intendência (prefeitura) e um calendário comemorativo da cidade, confeccionado pelo próprio Soloviy, em 2002, na ocasião da comemoração dos 150 anos da cidade de Artigas.

Na cidade de São Borja, divisa brasileira com a Argentina, foram visitados dois museus: A Casa-Museu Getúlio Vargas e o Museu Aparício Silva Rillo. A Casa-Museu Getúlio Vargas localiza-se na primeira residência de Getúlio Vargas, que ele ocupou logo que se casara. Nesse espaço está conservada a distribuição original da casa, assim como os principais objetos pessoais da família de Getúlio Vargas. Existe também uma pequena sala para a projeção de filmes e documentários sobre o presidente. A visita guiada é feita por uma professora de História, mas o museu conta também com outros funcionários. Pela importância histórica de seu acervo, o espaço recebe inúmeras visitas de todo o Rio Grande do Sul, assim como de outros estados brasileiros e de outros países. Recentemente, o museu recebeu auxílio financeiro do IPHAN para a revitalização de sua infra-estrutura, que, por ser a maior parte de madeira, requer cuidados para a sua conservação. O discurso proferido pela guia exalta as grandezas e fatos heróicos de Getúlio Vargas, desde sua vida na fazenda da família até seus últimos dias de presidente. Outro museu visitado foi o Museu Aparício Silva Rillo, que conta com um acervo mais diverso, principalmente

com imagens jesuíticas, material lítico, boleadeiras, vestimentas de época etc. Na ocasião da visita, o museu passava por reformas, pois também recebeu auxílio do IPHAN para a revitalização de suas peças, para a construção de vitrines e um climatizador, porém, pudemos adentrar o museu, onde estavam dois de seus responsáveis, que demonstraram interesse em transformar aquele espaço num serviço atuante de educação e propagação da cultura missioneira. No outro lado da fronteira, há a cidade de Santo Tomé, que faz fronteira com São Borja no lado argentino. Santo Tomé conta com o único museu histórico: o *Museo Pablo Argilaga*. A casa que abriga o museu foi de propriedade da família Argilaga, tradicional família artiguense. Seu acervo conta com muitas peças jesuíticas, material lítico. No museu há também sala para aulas de informática, sala para a projeção de filmes e uma pequena biblioteca. Quanto a sua infra-estrutura, o local apresenta péssimas condições de abrigo, com infiltrações, falta de luminosidade, piso cedendo e rachaduras nas paredes. O prédio em si apresenta as características de construção espanhola, mas, se reformado, transformar-se-ia num agradável local de encontro e informação.

Em todas as visitas efetuadas não identificamos iniciativas inerentes do Mercosul em revitalizar ou encabeçar medidas culturais nesses espaços, conforme as pesquisas e entrevistas efetuadas nesses locais. Esses museus, mesmo que deficientemente, tentam oferecer para a sua comunidade algo que seja útil, principalmente para a educação. Infelizmente, nem todos os responsáveis por esses espaços contam com um aparato teórico e material para tal empreitada e, quase sempre, caminham sozinhos em busca de uma alternativa para a melhoria cultural e educacional de sua população. Iniciativas isoladas existem, mas elas poderiam ser conformadas para a convergência de um sentido maior: a integração cultural e educacional dentro do Mercosul.

Resta-nos, agora, analisar a região geográfica onde está assentado nosso estudo, identificando quais os processos que deram origem à conformação social que hoje se apresenta, pois o ambiente espacial fronteiriço pode demonstrar-nos muito mais do que linhas divisórias entre países.

## 3 FRONTEIRA

### 3.1 História da fronteira

Para desenvolvermos o conceito de fronteira, é preciso termos como parâmetro, um espaço geográfico delimitado, pois as formações fronteiriças que ocorreram ao longo do tempo no mundo todo foram muito específicas e tiveram motivações muito diferentes para cada caso. No caso da fronteira entre Portugal e Espanha, ela foi determinada pelo fator cultural-lingüístico (FLORES, 1996). Portanto, essas formações dependeram de uma série de fatores, dentre os quais citamos: colonizações, disputas territoriais, disputas econômicas, acordos, tratados, casamentos, processos de independências.

Para efeito de nosso estudo, observaremos quais foram os processos que se efetivaram na formação das fronteiras da América Latina, em especial, as fronteiras formadas na região platina (Argentina, Uruguai e Sul do Brasil).

Antes disso, entretanto, faz-se necessário demonstrar o que compreende o conceito de fronteira, as mudanças ocorridas nesse conceito ao longo do tempo e as diferentes formas de fronteira (física, cultural, imaginária) (PESAVENTO, 2004). Essas conceituações elucidarão que tipo de fronteira é vivenciado hoje no espaço compreendido deste estudo.

Aparecendo pela primeira vez em documentos no final do século XVIII, o conceito de fronteira surgiu conjuntamente com a formação política e social dos Estados-nações. Aliás, é só a partir desta unidade política e territorial que a fronteira passa a existir. Nessa época, ela significava um lugar onde existe algo além dela, onde existem terras e recursos a ganhar e pessoas a conquistar. O outro lado da fronteira abriga, assim, o estranho, o desconhecido (CASTROGIOVANI, 2004).

A fronteira representa um espaço territorial que delimita dois ou mais países, sendo que o território é claramente uma construção política, cuja primeira função é servir de suporte à soberania. Tem-se, após a Primeira Guerra Mundial, a redefinição do conceito de “linha de fronteira”, que é transferido para “região de fronteira” ou, no conceito alemão dessa mesma época, “faixa de fronteira”, significando, assim, um “alargamento” geográfico das influências fronteiriças entre os países (CASTROGIOVANI, 2004). A região de fronteira representa a ocupação populacional que ali se instala, aumentando significativamente a importância desse local, pois, conseqüentemente, há uma maior atividade econômica, social, e cultural.

Na América Latina, percebe-se a preocupação em delimitar os limites após a época do descobrimento. Em 1750, o Tratado de Madri, assinado entre Portugal e Espanha para determinar os limites e regiões da Ásia e da América, manifestava claramente as disposições legais a que estavam sujeitas as pessoas que ali, naquela fronteira, realizassem práticas ilegais, como o contrabando. Posteriormente, já nos estabelecidos Estados latino-americanos, esta preocupação manteve-se.

A importância do Estado nacional como força para controlar, a partir da civilização, esta região apresenta também, como dispositivo principal, a presença militar nas linhas de fronteira. Entretanto, em consequência da vasta extensão territorial que o Brasil apresentava – e apresenta – com os países latinos, nota-se a falência de tal dispositivo. O exercício do poder do governo não se efetivava eficazmente, facilitando as práticas ilegais.

Assim como o conceito de fronteira sofreu alterações ao longo do tempo, o poder fronteiriço também foi vítima de alterações. Primeiramente, o poder que se instalou na época da formação da fronteira gaúcha foi o poder militar. As fortificações militares que se ergueram ao longo das margens dos rios e terras tinham a obrigação de delimitar onde começavam as terras de um e de outro país, assegurando o direito da soberania.

O Império brasileiro tinha a necessidade de fixar controles nas áreas de fronteira. Esses controles eram efetuados pelos “comandantes de fronteira”, que construía marcos e deslocavam militares para guarnecer a região.

Com o passar dos anos e com a conformação das fronteiras platinas, o poder militar, da força, passou a ser o poder da posse de terras. De certa forma, esse poder persiste até hoje, já que a posse de terras significa uma posição social privilegiada. Esse poder foi a mola propulsora de diversos conflitos entre famílias, classes sociais e países.

Historicamente, os processos de colonização espanhol e português tiveram diferenças substanciais, porém, o fato da escravidão e da aniquilação das sociedades indígenas autóctones foi comum a toda a região. Na América espanhola, o sistema colonial mercantilista foi o responsável pela escravização e dizimação da maioria da população indígena. Incas, Maias e Astecas, culturas muito desenvolvidas social e economicamente, foram aniquiladas e suplantadas por uma dominação espanhola que ali fixou “contratos”, tipos de trabalho, cotas a serem atingidas, tudo para uma futura acumulação de capital, que foi gerada em cima da dizimação indígena.

Já na América portuguesa, a exploração indígena foi igualmente cruel, porém as sociedades que aqui existiam não tinham o mesmo grau de desenvolvimento das outras sociedades habitantes da América Central e Andina, além da diferença de produtos, pois,

primeiramente, não foram encontrados metais preciosos, como o ouro e a prata. A colônia portuguesa servia basicamente de produtos primários tropicais, como a madeira.

Tomamos como principal ponto a ser analisado as disputas territoriais travadas por Portugal e Espanha na região do Rio da Prata. A principal questão, neste estudo, é relatar os antecedentes que deram origem às disputas territoriais entre as duas colônias.

Desde o Tratado de Tordesilhas, em 1494, até o Tratado de San Ildefonso, em 1777, a questão de delimitação de terras sempre gerou impasses e desconfortos diplomáticos. Especificamente a região Sul da América, com a renúncia de Portugal da Colônia do Sacramento e, em troca, a concessão da Espanha em ceder o Território das Sete Missões, foi desenvolvida uma série de eventos que prejudicaram as populações que ali se instalavam. Principalmente os índios reduzidos (Guerra dos Guaranis) foram os mais afetados pelas disputas, com a dizimação de sua população e com a destruição das missões.

O maior desejo dos dois países era o domínio do rio da Prata (Figura 7), principal via de escoamento da produção econômica da região. Pelo rio, a ligação das regiões tornava-se mais eficiente. As tentativas de fixação das fronteiras ocorriam lentamente, pois atrás dos Tratados, manifestados entre Portugal e Espanha, estavam seus desejos secretos de que cada um poderia avançar mais sobre o território do outro (BETHELL, 1998).



Fonte: Foto registrada pela autora em 27/02/2007.

**Figura 8 – Rio da Prata em Montevideu, que foi alvo da disputa pelo direito de navegação entre os países platinos.**

Segundo Octavio Paz (1974 apud KOSHIBA e PEREIRA, 2000, p. 83): “América Latina: é uma, ou várias, ou nenhuma? Talvez seja apenas um rótulo que, mais do que nomear oculta uma realidade em ebulição – algo que não tem nome próprio porque tampouco conseguiu ter uma existência própria”. Com essa fala percebemos a efervescência a que a região foi submetida durante todo o processo de colonização até a formação dos estados nacionais e também, posteriormente, com as ditaduras militares. A dificuldade na unificação geográfica e política gerou impasses entre as elites, enquanto a massa da população sofria com a falta de infra-estrutura e trabalho.

A “existência própria” que Octavio Paz se refere diz respeito à dificuldade da América Latina em traçar seu próprio caminho, a começar pela formação do Estado. Cada região que foi colonizada tornou-se uma unidade imutável, pois a imobilidade social favoreceu as disparidades entre as regiões. A isso, nós denominamos o *localismo*, como nos apresenta Koshiba e Pereira (2000), ou seja, os interesses locais se sobrepõem a uma possível unificação estatal. Sempre atreladas a suas metrópoles, as regiões latinas, mesmo após as independências, eram submissas não mais pela política, mas pela economia.

Se, as disputas nas delimitações de fronteira estiveram presentes na época da colonização, esse problema adentrou o processo de formação dos estados na América Latina. Aqui também existe uma diferença entre os processos espanhol e o português (KOSHIBA e PEREIRA, 2000). Esses autores explicitam quando apontam que, na política, a luta pela emancipação espanhola foi encabeçada pelos *criollos*, que formavam os *cabildos*. Já, no Brasil, a luta era travada pela classe dominante no que diz respeito ao controle dos mecanismos do Estado que foram transplantados da metrópole. Ou seja, o aparelho estatal já estava formado no Brasil, com seu sistema monárquico, o que não ocorria na América espanhola.

É preciso ter cuidado ao analisar e descrever a América Latina no século XIX, pois a simplificação pode induzir a erros de análise. Não podemos esquecer que existiram muitos outros fatores que influenciaram os processos independentistas americanos, como, por exemplo, a presença britânica (muito interessada em potenciais mercados consumidores de produtos industrializados e necessitados de matérias-primas). O que nos interessa neste estudo é frisar como foram formadas as fronteiras na região platina.

A história política está repleta de relatos e documentos que nos demonstram os conflitos e disputas entre brasileiros, argentinos e orientais (uruguayos).<sup>13</sup> Em meio à

---

<sup>13</sup> Essa denominação “oriental” dada aos uruguayos deve-se ao fato dessa população situar-se à margem oriental (Banda Oriental) do rio da Prata em relação ao território argentino.

preocupação da demarcação fronteiriça, ocorriam os processos pela luta de governabilidade no Uruguai (entre *blancos* e *colorados*), as disputas na Argentina com Buenos Aires e suas outras províncias; e, no caso brasileiro, o processo de formação da fronteira acompanhou a transição política até os dias de consolidação republicana. Servir-nos-emos de alguns desses relatos para explicitar, brevemente, a peculiaridade fronteiriça sul-rio-grandense.

Quando abordamos o tema de ocupação territorial e fronteiriça, há um fator que temos que levar em consideração: o *uti possidetis*. No caso sul-rio-grandense, as terras que faziam divisa com o Uruguai já contavam, de certa forma com pequenas aglomerações de pessoas, principalmente ao longo das margens de rios e lagoas. Datam de 1801 a 1804 as primeiras brigas por concessões de terras fronteiriças entre Brasil e Uruguai. No caso uruguaio, o conflito primeiro foi pela demarcação total do território da Banda Oriental (primeira denominação do Uruguai), de 1811 a 1816. Entretanto, foi a partir de 1851 que os primeiros tratados de demarcações fronteiriças passaram a se concretizar entre Brasil e Uruguai.

Na região oeste da Província de São Pedro do Rio Grande do Sul (atual Rio Grande do Sul), as linhas demarcatórias com a Banda Oriental foram definidas ao longo de um processo que envolveu muito da diplomacia brasileira. De maneira geral, podemos dizer que a fronteira Brasil – Uruguai foi realizada com muito suborno. Do lado uruguaio estava o Coronel Reyes, representante na Comissão de Demarcação, e do lado brasileiro estava o marechal d`Andréia (ou barão de Caçapava). Esses dois homens representavam, cada um ao seu modo, os interesses e disponibilidades de seus países.

Temos que levar em conta que havia precariedade na confecção dos mapas e traçados que determinariam as fronteiras. Os instrumentos de trabalho, aquela época, não satisfaziam por completo a necessidade exigida. Por isso, quando analisamos hoje os mapas feitos aquela época, percebemos alguns erros cartográficos, justificáveis, tendo em vista a dificuldade prática enfrentada.

Entretanto, a diplomacia brasileira sempre foi o norte das negociações e detinham de muito conhecimento geográfico da região, assim como Reyes (que possuía terras na região do arroio Chuy) (GOLIN, 2004). Ainda segundo Golin (2004), Reyes exigia grandes quantias em dinheiro para continuar com os estudos e traçados fronteiriços. As demarcações exigiam comissões de estudo de campo e elaboração de mapas e tratados. As dúvidas surgiam quanto aos critérios a serem adotados na fixação das divisões: acidentes geográficos, nascentes de rios, e posse de terras efetivamente ocupadas. Além disso, os trabalhos demarcatórios de campo eram interrompidos durante o inverno.

O coronel Reyes apresentava um sistema de trabalho que emperrava a pressa da comissão brasileira em efetivar a fronteira. Sem prestar considerações de suas decisões ao governo uruguaio (que estava em disputa entre *colorados e blancos*), Reyes aproveitava para justificar a ausência de sua equipe por causa da falta de dinheiro e condições materiais para continuar os trabalhos. O governo brasileiro, representado pela figura do barão de Caçapava, “ajudava” Reyes com pagamentos mensais. Essa situação perpetuou-se durante muito tempo, e a formação fronteiriça, que começou na localidade de Chuy e terminou na fronteira Quaraf – Artigas, passando por Sant`Anna do Livramento, foi efetuada com muitos pagamentos ao Coronel Reyes. Segundo Golin (2004, p. 119), “Estes fatos, historicamente, não fazem de Reyes somente um corrupto, mas também um traidor de seu país, porém legitimado em uma representação do Estado”.

Assim, a formação da fronteira ficou estabelecida através de “marcos”, construídos ao longo do Corredor Internacional, na Lagoa Mirim (fronteira do Jaguarão, do Arroio Mina, do Arroio São Luiz), Sant`Anna do Livramento e Quaraf. Um outro aspecto que também deve ser levado em consideração é que o marechal d`Andréa tinha a ocupação territorial dessas regiões como uma das estratégias para a efetivação da fronteira,. Porém, ele orientava a fixação de pequenas comunidades, minifúndios, e não o latifúndio. Isso demonstra certa lógica: a proximidade de comunidades com uma densidade maior de pessoas garante uma eficácia maior no controle da fronteira, o que, com as grandes propriedades (grandes espaços vazios), não ocorreria o mesmo.

O sistema de defesa elaborado pelo marechal d`Andréia englobava questões de polícia, guarnições e defesa. Ao longo do traçado fronteiriço que ia se formando, eram destacados os “comandantes de fronteira”, geralmente militares que já tinham adquirido terras na região. Um exemplo claro da preocupação com a fronteira, mesmo depois de já acordada, está explícita na passagem descrita por d`Andréia (1857 apud GOLIN, 2004, p. 145):

A fronteira do Chuí exige mais sérias considerações, por ser aquela por onde se nos podem fazer mais profundas feridas. Uma força de dois, quatro ou mais mil homens reunida rapidamente em Santa Tereza, sem cavalos, sem reserva, e sem municio, que tudo achará de sobejo pelo caminho, pode, dentro de três dias, chegar mui folgadoamente à cidade de Rio Grande, saqueá-la, e roubar de seus moradores tudo quanto lhes convier; apoderar-se dos navios que encontrar no porto, ou destruí-los; passar à vila de S. José do Norte e à Barra, e continuar suas correrias, e transtornar toda a segurança interna da Província; e isto tudo muito antes que se possa saber que o inimigo nos quer atacar. Esta lúgubre e fatal possibilidade, sem mais reflexão alguma, exige que se pense bem em segurar esta fronteira.

Como vimos na passagem descrita acima, a preocupação em garantir a defesa de um território de fácil acesso (como demonstra a Figura 8), representa, por um lado, a dificuldade em guarnecer um território naquela época e, por outro, a facilidade em apossar-se de regiões com facilidade de navegabilidade nesse mesmo período.



Foto registrada pela autora em 29/04/06.

**Figura 9 – Desembocadura do Arroio Chuy no oceano Atlântico. Divisa Chuy (Uruguai) e Chuí (Brasil).**

Este processo de “construção” da fronteira sul-rio-grandense chegou até o ano de 1858, mas as negociações transcorreram até 1937, discutindo a posse do arroio Invernada. Mudavam-se os personagens que lideravam as negociações, mas os interesses continuavam os mesmos. Com o passar dos anos, as populações ali se fixaram e trataram de conviver com as diferenças, criando uma identidade nacional de cada país, e mais que isso:

Entretanto as escaramuças do imaginário de ambos os lados da fronteira jamais depuseram as armas e prosseguem seus entreveros ideológico-culturais. As construções imaginárias das identidades nacionais (e, particularmente, do regionalismo sul-rio-grandense) dos dois países limítrofes cavalgavam pela fronteira (GOLIN, 2004, p. 351).

Assim, dentro dessa breve retrospectiva histórica da formação da fronteira no século XIX, percebemos claramente que cada país queria obter o máximo de vantagens possível. Aquela

época, a vantagem era a posse de terras e, para isso, a população tinha um papel fundamental: assegurar a ocupação territorial por meio da fixação de cidades, estâncias, e fazendas.

Hoje, ao passar pela região fronteira do Rio Grande do Sul, deparamo-nos com grandes extensões de terras desocupadas (a não ser pelo cultivo do gado), fruto desse passado colonial estancieiro. Mas também se fixaram cidades, e a população que ali se originou gerou um novo tipo de fronteira, sustentada pelo passado colonial que “cavalga” até hoje.

Esta nova concepção de fronteira (a fronteira cultural) é muito peculiar, pois se formou em cima dos costumes e tradições gaúchas e pampianas. Para melhor expressá-la, precisaremos demonstrar a nova conceitualização de fronteira cultural ou imaginária.

Assim, a fronteira é uma justaposição de culturas, que exprime, através de suas *rugosidades* (marcas que se definiram ao longo do tempo e do espaço), os diversos momentos de poder que constituíram essa região. A fronteira sofreu uma resignificação de “lugar”. Se o território é o lugar, então a fronteira ocuparia o “entre-lugar”; apontando, assim, para um espaço onde as especificidades seriam ainda maiores, com uma densidade maior de atrativos, criando uma justaposição de culturas (CASTROGIOVANNI, 2004).

Existe também uma outra concepção de fronteira. Surgidas com a globalização e a mundialização,<sup>14</sup> as fronteiras culturais apresentam um avanço da territorialidade do espaço físico para dimensões no plano da constituição simbólica de pertencimento (identidade) (PESAVENTO, 2004). Nesse mesmo sentido, Dembicz (2004) aponta as fronteiras abstratas, constituídas de mestiçagens biológicas e culturais implicadoras de novos padrões.

Para Margarita Gascón (2003-2004), as fronteiras são lugares privilegiados de onde se operam as diferenças dos imaginários e das práticas sociais, onde as tensões étnicas e as hibridações da mestiçagem (como também se faz presente na análise de Dembicz), são igualmente possíveis. Na mesma linha de pensamento, Estevão de Rezende Martins (2004) demonstra que as fronteiras geográficas são sustentadas por fronteiras culturais, ou seja, para que linhas divisórias entre Estados-nações existam, com a finalidade de separar e diferenciar, é necessário um aparato cultural-ideológico que sustente esse traçado fronteiro.

A visão clássica de fronteira representa a iniciativa de transpor para o outro lado da linha, ou seja, para o “desconhecido”, a afirmação de um Estado, caracterizando, assim, um sentido divisório e conflitivo que a fronteira possibilita. Por outro lado, recentemente, como já demonstrado acima, houve uma superação desse conceito tradicional (fronteira física que divide) para um conceito inovador, adquirindo, assim, a peculiaridade de ser unificadora,

---

<sup>14</sup> Mundialização: efeitos culturais da globalização.

necessitando para isso um instrumento sócio-antropológico para analisar tais regiões, nos âmbitos culturais e mentais. Este sentido de unificação não significa a padronização de modos, costumes e cultura, de uma maneira geral, mas compreende a idéia de que todos pertencem a um espaço comum, onde cada um, com suas diferenças possa conviver conjuntamente.

Estar na fronteira é estar em uma situação de margem, borda, como apresenta Pesavento (2004). É não estar no centro, mas na periferia. Quando nos remetemos ao estudo que Devés-Valdés<sup>15</sup> (2004) propõe, com uma nova unidade de análise para compor as problemáticas desenvolvidas pela região latina, e mais especificamente a região sul da América do Sul (Cone Sul), a delimitação geográfica de periferia transforma-se em centro. O Cone Sul passaria a ser o centro, o eixo de produção que nortearia as demais produções científicas, e conseqüentemente, este eixo também se tornaria o principal bloco econômico, contrariando um passado histórico, em que toda a cadeia científica detinha como principal modelo o europeu-ocidental, que perpetuava valores não condizentes com a realidade latina.<sup>16</sup>

A região que o Trópico de Capricórnio abarca (Antofagasta, São Paulo, Rio de Janeiro, e Concepción, Bahía Blanca e Mar del Plata) é responsável pela produção de uma grande parte dos estudos científicos da América Latina. O Sul do Brasil e seus vizinhos do Mercosul têm a responsabilidade de gerar alternativas de gerenciamento e produção cultural e científica, de um pólo populacional que poderá, com o desenvolver do processo integracionista, transformar-se em redes intelectuais que ofereçam alternativas para a solução dos problemas que assolam tal região.

Portanto, percebemos que toda esta nova concepção teórico-metodológica tem como pano de fundo a região Sul do Brasil e seus pares fronteiriços. Isso requer o cuidado de que as análises efetivadas nesse espaço tão específico e peculiar, que é palco de uma grande produção científica acadêmica, não podem ser processadas com os mesmos pressupostos utilizados para representar outras regiões da América Latina, herdeiras diretas das manifestações européias de pensamento. Vítima desse processo de colonização, regiões da América Latina enfrentam a necessidade de se firmar como autônomas; embora o processo

---

<sup>15</sup> Eduardo Devés-Valdés. Constituir el Conosur (pensar más allá de las fronteras: sociedad civil, redes intelectuales y rupturas epistemológicas para el desarrollo de las fuerzas productivas intelectuales). Santa Maria, Brasil, 2004. Palestra ministrada no Simpósio internacional fronteiras na América Latina: desenvolvimento e integração em 08 nov. 2004.

<sup>16</sup> Isto não significa que nunca houve uma produção científica própria da região latina. O que se ressalta é que tais manifestações não se fizeram ouvir de forma satisfatória, seja por um “sufocamento”, causado pela vasta produção científica produzida pelos EUA e Europa, e introduzida em solo latino; seja pelo pouco apoio editorial enfrentado pelas camadas pensantes residentes na América do Sul. Hoje essa tendência se modifica, como programas de estudos citados por Dembiczy (2004) no Simpósio Fronteiras da América Latina.

realizado pelos Estados Nacionais já o tenham feito política e socialmente; remetendo traços de união entre seus limites territoriais. Porém não se trata disso. A firmação como regiões autônomas diz respeito à não submissão de valores e padrões morais, éticos e econômicos que não servem para essas populações. A noção de “sustentabilidade”<sup>17</sup> enquadra-se nessa análise.

### 3.2 A ideologia da fronteira

Já delineamos, no ponto acima, alguns pressupostos e novas perspectivas do conceito de fronteira. Para o nosso estudo, abordaremos também o que se entende por *cultura de fronteira*, pois estamos trabalhando especificamente com a região fronteira do Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai. Queremos apontar que, neste espaço físico, existe uma cultura diferente daquela produzida nas capitais, nos centros urbanos e no interior do Rio Grande do Sul.

Segundo Coelho (2004), a cultura de fronteira é uma cultura feita de cruzamentos. Esse cruzamento ou mescla tem como principal definição a *forma* e não o *conteúdo*. É uma cultura que não tem centro ou que tem muitos centros e que, na sua heterogeneidade de pessoas e costumes (geralmente se designa uma cultura de fronteira onde existe de fato uma fronteira espacial, geográfica, principalmente entre países), é a indefinição que impera nos costumes, nos modos e dia-a-dia da população. São culturas que não apresentam núcleos duros,<sup>18</sup> são carentes de identidades próprias e que transitam entre o local e o transnacional sem se deter especificamente no nacional. Vejamos como exemplo a cidade de Santana do Livramento e Rivera (Rio Grande do Sul e Uruguai). No comércio que se localiza na Avenida Sarandi, em Rivera, fala-se muito o “portunhol”, a mistura de português com espanhol. Essa nova “língua” não é encontrada em Santa Maria, por exemplo, só é encontrada nas cidades que dividem esses dois países.

Um estudo de caso que pode ser enquadrado nessa análise de cultura de fronteira é o de Portugal. Elaborado pelo sociólogo português Boaventura de Sousa Santos (1995), esse estudo diz que a cultura de Portugal é uma cultura de fronteira. Na análise do autor, a cultura portuguesa apresenta um *deficit* de identidade por diferenciação, ou seja, perante os olhos do resto da Europa, Portugal foi sempre visto como um povo selvagem, sem instrução, pouco

---

<sup>17</sup> Entende-se aqui por sustentabilidade a capacidade de uma região em manter-se com seus próprios recursos. Já na esfera turística, sustentabilidade é condição para que uma determinada região turística possa se desenvolver sem afetar prejudicialmente o meio ambiente, sem denegrir as condições de vida da população local, por exemplo (MOLINA, 1999).

desenvolvido (estamo-nos referindo à época do descobrimento do Brasil). E, perante o colonizado (Brasil e alguns pontos da África), era visto como o externo, o colonizador, o moderno, vendo os povos indígenas como selvagens, não assumindo, assim, um caráter único e específico de identidade.

Apesar dessa dificuldade em se delinear formalmente a cultura portuguesa, ela existe sim, mas é apresentada de uma forma *local*. Aliás, o *translocalismo* é a marca da cultura portuguesa, podendo mover-se entre o local e o transnacional sem passar pelo nacional.

Outra característica da cultura portuguesa é que essa “fronteira” que a delimita, não é *frontier*, mas *border*, como explicita Santos (1995). Ela é borda, ou seja, ela deixa entrar livremente as outras manifestações culturais, que não as genuínas, ela é uma porta de passagem que não barra ou impede as saídas ou entradas das culturas externas e internas. Essa borda permite que as formas de culturas assumam uma dramatização que não seria possível em outro terreno.

Santos (1995) também indica que todas essas manifestações culturais que ocorrem em Portugal também ocorreram e ocorrem no Brasil e em alguns países da África que sofreram a colonização portuguesa. Portanto, a cultura de fronteira também incorpora a cultura brasileira e, mais especificamente, a cultura na fronteira do Rio Grande do Sul, Argentina e Uruguai.

Assim, percebemos que o translocalismo está presente na fronteira gaúcha, manifestando costumes e língua que só existem nessa região, não aparecendo em outros lugares do Brasil. Ou seja, um aspecto local que não identifica necessariamente o nacional, mas que também compreende o internacional.

A ideologia fronteiriça, portanto, é aquela que expressa a mestiçagem cultural entre os países formadores. São idéias que manifestam a identidade de uma população que vive um constante movimento de trocas, absorção e cruzamentos sociais.

### **3.3 A identidade na fronteira**

Quando nos deslocamos para a fronteira, deparamo-nos com alguns elementos típicos dessa região. A figura do *gaúcho* (ou *gaucho* para os hermanos) é o símbolo do homem pampeiro, criador de gado, charqueador, da lida do campo.

Entretanto, não podemos romantizar o homem fronteiriço. Essa figura já foi herói, já foi bandido, já foi vagabundo. Conforme o segmento social que o abordava, mudavam suas

---

<sup>18</sup> Núcleos duros são aqueles aspectos que identificam claramente uma sociedade ou parcela dela, como, por exemplo, a língua, a religião etc. (COELHO, 2004).

características mentais. Hoje, o gaúcho é símbolo de uma região internacional, que engloba a Argentina, o Uruguai, o Paraguai e o Sul do Brasil. Notamos que somente o Sul do Brasil se identifica com a figura gauchesca, pois este País apresenta proporções continentais, apresentando uma variedade de culturas e, principalmente, miscigenações.

Conforme Coelho (2004), o conceito de identidade cultural é um sistema de representação das relações entre os indivíduos e os grupos e entre estes e seu território de reprodução e produção, seu meio, seu espaço e seu tempo. Assim, o espaço comum entre os moradores do Rio Grande do Sul é o mesmo que os moradores das fronteiras da Argentina e do Uruguai. O espaço geográfico é compartilhado, assim como aquilo que nasce através desse compartilhamento. A base física sustenta as manifestações sociais.

A proximidade geográfica que o Estado do Rio Grande do Sul tem com os países platinos foi responsável também pela proximidade dos costumes e tradições. Os sul-rio-grandenses, de uma maneira geral, sentem-se mais parecidos com os uruguaios e argentinos do que com os nordestinos, por exemplo. Nossa unidade territorial é responsável pela torcida no futebol, quando o Brasil joga contra a Argentina, mas nossos costumes, nossas vestimentas e linguajar são mais comuns com o outro lado da fronteira platina.

Também é necessário apontar que esse compartilhamento da cultura não significa sua padronização. Existem diferenças substanciais que são separadas pelo Estado Nação a que cada povo pertence. Não se pretende alcançar a homogeneidade dos costumes, mas queremos mostrar que as semelhanças são muito importantes na construção de uma nova ordem econômica (no caso o Mercosul).

Se o nosso passado de colonização nos aproxima, histórica e politicamente, é inevitável concluir que nossas estruturas políticas, a conformação cultural, enfim, a organização social americana e, para efeito deste estudo, a latino-americana, são herdeiras diretas da civilização euro-ocidental, a partir do século XV e estado-unidense a partir do século XIX<sup>19</sup>. Entretanto, as fronteiras que se formaram ao longo do processo de colonização espanhola e portuguesa, hoje, podem ser entendidas de uma maneira não tradicional, qual seja, a noção de categoria de “região cultural”, como conclui Martins (2004), ao defender uma “circunscrição espaço-temporal”, cujos limites são resultados de uma ação efetiva das especificidades latino-americanas. Ou seja, afirmar que houve um transplante cultural exógeno, por si só, não convence conceitualmente, pois a autonomia crítica desenvolvida nas

---

<sup>19</sup> A influência norte americana sobre o prisma cultural começa a partir do século XX, com a Doutrina Monroe, o “modo de vida americano”, etc. No século XIX recebemos principalmente a influência política e econômica.

sociedades latino-americanas demonstra a capacidade de geração de problemáticas próprias desse território.

Assim, ao pensarmos em soluções para o desafio a que a América Latina está passando, é importante considerarmos as iniciativas tomadas primeiramente no campo econômico, com a conformação do Mercosul, e sua ampliação para outras áreas, como a social, pois é sobre as fronteiras platinas que esses mecanismos ocorrem.

Portanto, nossa tradição comum tem, no imaginário, a simbologia mentalizada da proximidade. Se no campo cultural esse imaginário persiste no dia-a-dia da população, os governos parecem entender que essa integração cultural deve fazer parte das negociações sobre o Mercosul. Esse tratado torna-se jurídica e politicamente a tradução de um sistema simbólico que há muito se perpetua nas coxilhas platinas. Apesar de seu compromisso primeiro ser a integração comercial, não há como dissociar as práticas econômicas do sentido cultural. Todo o processo é lento no âmbito mercosulino, e não poderia ser diferente em se tratando de países com graves problemas econômicos e sociais. O subdesenvolvimento também é comum a esses países.

Verificando toda a trajetória de colonização que igualmente foi predadora, tanto para a América espanhola quanto para a portuguesa, é que o Mercado Comum do Sul foi criado para amenizar os efeitos passados e se colocar como competitivo no futuro globalizado.

A nossa história comum justifica a necessidade de nos aliarmos social e economicamente na busca da melhoria da população e na propagação da cultura latina.

## 4 INTEGRAÇÃO

### 4.1 História da integração

No terceiro e último capítulo, será demonstrada a evolução do Mercosul, iniciando-se com sua formação. Dessa forma, abordar-se-á a integração sob três aspectos: ideologia (como justificativa de supremacia econômica), o poder e a identidade. Este último capítulo, de certa forma, tenta justificar a necessidade de os países unirem-se em um bloco, que inicialmente tinha pretensões meramente econômicas e que hoje assume vieses culturais e sociais.

Quando nos referimos à integração, conseqüentemente estamos falando em Mercosul, pois este acordo é o que melhor define os propósitos de uma região que, há tempos, visa unificar-se, mesmo que de forma superficial, e que atualmente está em curso. Salientamos, no entanto, que o conceito de integração é muito mais abrangente que o Mercosul em si.

O passado da América Latina,<sup>20</sup> além de demonstrar a problemática de subdesenvolvimento e dependência, também apresenta uma história comum quanto aos anseios de unificar-se para fortalecer-se. Simon Bolívar já expressava seu desejo de ver uma América Latina integrada pela educação e a cultura.<sup>21</sup>

A globalização do século XX, que tomou conta das relações econômicas internacionais (e que também apresenta seus efeitos em outras esferas, como a social e a cultural), alavancou iniciativas de união entre países com proximidades regionais, e que, conseqüentemente, apresentam problemáticas comuns para a sobrevivência de suas economias. As grandes dificuldades que existem nesses países são fruto de um passado comum, de uma colonização exploratória e discriminante. A situação atual da América Latina, como um todo, exigia e exige iniciativas econômicas com o intuito de fortalecer as economias internas dos países e, ao mesmo tempo, condicioná-las à competitividade internacional.

Os países do Cone Sul<sup>22</sup> precisavam reorganizar suas instituições, seus programas de governo e economia, após um conturbado período de ditadura militar, que esteve presente em quase todos os países latino-americanos.

---

<sup>20</sup> Tomamos como região geográfica da América Latina do México até a Argentina.

<sup>21</sup> Em 1815, Simón Bolívar escrevia, em *Carta de Jamaica e Discurso de Angostura*, a integração entre os povos como uma necessidade imposta pela dominação colonial, nesse período de independência das colônias espanholas e portuguesas.

<sup>22</sup> Conforme Deves-Valdés (2004), como região geográfica do Cone Sul compreende-se: a costa central do Chile, a costa sul do Brasil, o Uruguai e a parte norte da Argentina. Para efeito deste estudo, incluímos também o Paraguai.

Assim, a iniciativa de união partiu dos dois maiores países da América do Sul: Argentina e Brasil. Raul Alfonsín e José Sarney assinaram, em Buenos Aires, o Tratado de Integração, Cooperação e Desenvolvimento Brasil-Argentina em 1988. Esse Tratado compreendia a liberalização do comércio (de bens e serviços) entre os dois países dentro de dez anos.

Já, em 1990, Fernando Collor e Carlos Menem assinaram a Ata de Buenos Aires, que previa, para o ano de 1994, a formação do Mercado Comum entre Brasil e Argentina. Em 1991, foram incorporados ao acordo o Paraguai e o Uruguai, formando, assim, o Mercosul (Mercado Comum do Sul),<sup>23</sup> através do Tratado de Assunção, que é o instrumento jurídico fundamental do Mercosul.

O Tratado de Assunção definiu os objetivos do processo de integração e os meios para alcançá-lo. Ele também demonstrou que para os quatro países-membro melhorarem seus mercados nacionais era necessária a ampliação de suas trocas internacionais.

Em 1994, o Mercosul ganha o marco institucional no Protocolo de Ouro Preto, assinado em dezembro daquele ano pelos quatro países. O Protocolo reconhece a personalidade jurídica de direito internacional do bloco. Assim, ele tem competência para negociar em nome próprio com outros países e grupo de países (MRE, 2007).

O Protocolo de Ouro Preto instituiu a iniciativa administrativa tomada para a conservação da união aduaneira dentro do Mercosul. A estrutura intergovernamental é abrangente para comportar os foros negociadores das mais diversas áreas temáticas, ao mesmo tempo em que é flexível para acompanhar a dinâmica do processo de integração. Essa estrutura é composta de órgãos decisórios, sistemas consensuais de tomadas de decisões e um sistema arbitral de solução de controvérsias.

Antes de alcançar a conformação econômica de Mercado Comum, o bloco (e essas etapas são necessárias para a formação de um bloco consistente que atinja por completo todos os setores de um país) passou e está passando por etapas econômicas. Em 1995, entrou em vigor a Tarifa Externa Comum<sup>24</sup> (TEC), marcando, assim, a existência da União Aduaneira entre os quatro países, conforme o sítio do Ministério das Relações Exteriores do Brasil.

---

<sup>23</sup> De acordo com a Teoria da Integração Econômica, Mercado Comum é a livre circulação de bens, serviços e fatores de produção.

<sup>24</sup> Entende-se por Tarifa Externa Comum a mesma cobrança de tarifa de um mesmo produto por todos os países membro do bloco, quando essa mercadoria for importada de fora da zona econômica integrada de comércio. Existia uma lista de exceção, cuja política é diferenciada, ou seja, cada país adota sua tarifa, mas, ao longo do tempo, esses produtos saíram gradualmente da lista.

A democracia<sup>25</sup> também aparece como um pressuposto imprescindível para a ligação entre os países dentro do bloco. O Protocolo de Ushuaia é o compromisso assinado entre os membros do Mercosul e de seus associados, no qual nenhum país pode desrespeitar o princípio democrático, sob pena de suspensão dos direitos e obrigações daquele sócio que assim o descumprir. Além disso, os demais parceiros têm a obrigação de, imediatamente, recompor o modelo democrático de governo do país desrespeitador.<sup>26</sup>

Hoje vivemos o que se chama de uma União Aduaneira imperfeita, pois ainda existem entraves que prejudicam a plena adoção de políticas comuns aos quatro países. Entretanto, outros países, como a Bolívia, Peru, Venezuela e Chile, já se associaram ao bloco, dando ao Mercosul uma expansão territorial bastante significativa e que representa um pólo de investimento bastante promissor. O Mercosul é a quarta economia mundial (tem um PIB acumulado de mais de um trilhão de dólares) e é a principal fonte de reserva de recursos naturais do mundo, conforme o sítio do Ministério das Relações Exteriores do Brasil (2007). A União Européia tem apresentado muito interesse em trocas comerciais com o bloco, assim como a ALCA.

Apesar das fontes governamentais brasileiras apresentarem certo otimismo frente ao Mercosul (presente, de certa forma, nos textos expostos na página da Internet das Relações Exteriores do Brasil, 2007), os entraves burocráticos permanecem, assim como as divergências e insatisfações expressas, recentemente, por exemplo, pelo governo uruguaio, demonstrando sua insatisfação com o bloco, alegando a pouca atenção e discriminação com os países de menor porte econômico. Também dentro do território brasileiro a insatisfação ocorre, pelo menos por parte do Rio Grande do Sul. O Estado é o mais “interligado” com o Mercosul, além de seu passado comum. Entretanto, em maio de 2005, o então governador Germano Rigotto esteve em Brasília para cobrar do presidente Lula soluções para os prejuízos de produtores gaúchos com a entrada de produtos estrangeiros do Mercosul, principalmente da Argentina e do Uruguai. O problema está na concorrência de produtos como o trigo, arroz e vinho que chegam ao comércio gaúcho e brasileiro com preços muito menores que os produtos nacionais. Em entrevista ao *Jornal O Sul* (2005, p. 7), Rigotto diz: “Precisamos de medidas, por parte do governo federal, para que essa situação não chegue ao limite de muita gente abandonar a produção”.

---

<sup>25</sup> Segundo o dicionário Aurélio “democracia” é uma “doutrina ou regime político baseado nos princípios da soberania popular e da distribuição equitativa do poder (...)”.

<sup>26</sup> O que é Mercosul. Disponível em: <<http://www.camara.gov.br>>. Acesso em: 18/09/2006

Esse exemplo demonstra que ainda existe uma “fragilidade” econômica decorrente da não-harmonização entre políticas nacionais de cada país, com as iniciativas adotadas pelo e para o Mercosul. Os governantes afirmam que problemas como esse existem até na União Européia (modelo que serve de inspiração integracionista) e que, com o aprofundamento das relações e instituições do bloco, serão sanadas. Os problemas que envolvem o Mercosul, em parte, são frutos de uma falta de planejamento integracionista. É claro que o Mercosul assumiu feições econômicas desde sua criação, não apontando alternativas de integração que abrangessem os setores sociais e educacionais, por exemplo. Hoje, entretanto, novas áreas de entendimento estão sendo criadas, como a coordenação de políticas externas, a cooperação de segurança internacional e interna, assuntos judiciários ou a educação. O Mercosul exige um conjunto de normas a serem seguidas que fazem do bloco uma associação que agora começa a delinear outras iniciativas que não só a econômica. Ou seja, os governantes e as estruturas administrativas do Mercosul deram-se conta de que a integração e o bom relacionamento só se darão quando a população for atingida diretamente pelas ações benéficas do bloco.

#### **4.2 A ideologia da integração**

Desde sua criação, o Mercosul foi um acordo que estava voltado para a economia dos países membros. Com o amadurecimento de suas instituições e com o próprio avanço dos países, é que o bloco tem-se voltado para outras esferas.

O discurso que fundamentou e justificou a implementação do Mercosul foi o da necessidade de integração econômica: unir para fortalecer-se economicamente. O Tratado de Assunção para a constituição do Mercado Comum do Sul, firmado em 1991, preconiza:

A República Argentina, a República Federativa do Brasil, a República do Paraguai e a República Oriental do Uruguai, doravante denominados ‘Estados Partes’, *Considerando* que a ampliação das atuais dimensões de seus mercados nacionais, através da integração, constitui condição fundamental para acelerar seus processos de desenvolvimento econômico com justiça social; *Entendendo* que esse objetivo deve ser alcançado mediante o aproveitamento mais eficaz dos recursos disponíveis, a preservação do meio ambiente, o melhoramento das interconexões físicas, a coordenação de políticas macroeconômica da complementação dos diferentes setores da economia, com base nos princípios de gradualidade, flexibilidade e equilíbrio; *Tendo em conta* a evolução dos acontecimentos internacionais, em especial a consolidação de grandes espaços econômicos, e a importância de lograr uma adequada inserção internacional para os seus países; *Expressando* que este processo de integração constitui uma resposta adequada a tais acontecimentos; *Conscientes* de que o presente Tratado deve ser considerado como um novo avanço no esforço tendente ao desenvolvimento progressivo da integração da América Latina, conforme o objetivo do Tratado de Montevideu de 1980; *Convencidos* da necessidade de promover o desenvolvimento científico e tecnológico dos Estados-partes e de modernizar suas economias para ampliar a oferta e a qualidade dos bens de

serviço disponíveis, a fim de melhorar as condições de vida de seus habitantes; *Reafirmando* sua vontade política de deixar estabelecidas as bases para uma união cada vez mais estreita entre seus povos, com a finalidade de alcançar os objetivos supramencionados (...) (SEINTENFUS, 2004, p. 1.292).

Analisando o texto acima, percebemos que as medidas tomadas, principalmente na área econômica, seriam a alternativa encontrada em conjunto para a almejada inserção internacional desses países. Mais do que os verbos no gerúndio (“considerando”, “entendendo”, “reafirmando”), o texto expressa a noção de que essas medidas estão sendo tomadas, no presente, no agora, e que pretendem ainda continuar em curso; a noção de processualidade é que denota essas ações. Ou seja, o bloco apresenta a noção que processos integracionistas não acontecem repentinamente, e que são necessários muitos acontecimentos para a imposição das normas que ditarão os rumos dos países. Ao mesmo tempo, a constituição do Mercosul aparece como uma alternativa para o atraso social e tecnológico que os países subdesenvolvidos apresentam historicamente. Para o lançamento internacional, são necessárias medidas internas que propiciem tal ação. E a instituição do bloco permite que a situação interna de cada país também seja beneficiada.

A justiça social e o meio ambiente são citados pelo texto introdutório do Tratado de Assunção, o que expressa a idéia de que a economia é a responsável pela modificação na sociedade e no meio ambiente. Com a atual preocupação com as modificações climáticas e as conseqüências que o ser humano sofre e irá sofrer, é imprescindível a atenção para a preservação da ecologia da América do Sul. Atentamos para o fato de que o Mercosul engloba a região geográfica onde está assentado o aquífero Guarani, o maior reservatório subterrâneo de água potável do mundo. Num mundo em que a previsão (e, de certa forma, este problema já acontece) de guerra irá acontecer por causa da água, nada mais racional em preservar e proteger esse recurso natural tão indispensável.

Atualmente, os países membros já se deram por conta que somente a esfera econômica não basta para o pleno processo necessário de constituição de um mercado comum. São necessárias outras medidas para que o processo integracionista tome forma. A população deve ser beneficiada diretamente com as políticas mercosulinas.

Logo de sua criação, muito se falava que o Mercosul era um projeto que existia somente no papel. Porém, como percebemos, hoje a questão já toma formas significativas entre os governos, pelo menos na esfera diplomática e de comércio exterior. O que falta agora

é que essas e outras políticas avancem de fato para o dia-a-dia da população.<sup>27</sup> E a população que mais rápido se beneficiaria com essas novas práticas é a população fronteiriça.

De acordo com os relatos obtidos nas visitas de campo realizadas em São Borja, verificamos que os entraves existem no que diz respeito à livre circulação de bens culturais. Conforme a assessora do museu Aparício Silva Rillo, Jaqueline Iglesias Cassefuz, e o Diretor de Assuntos Culturais do município de São Borja, José Fernando Correa Rodrigues,<sup>28</sup> a dificuldade em transportar objetos para exposições e apresentações culturais é enorme. Como exemplo disso, eles citaram a impossibilidade de uma banda marcial tradicional de Santo Tomé (Argentina) em se apresentar em São Borja, pois, se os músicos não apresentassem as notas fiscais dos instrumentos musicais, eles não poderiam passar pela aduana entre os dois países. Esse exemplo só reforça os entraves diários que as populações dos países que compõem o Mercosul enfrentam. Iniciativas simples poderiam facilitar o convívio entre populações tão próximas.

Também devemos relacionar os entraves dentro do Mercosul ao fato de que cada país está mais preocupado em garantir suas necessidades e vantagens internas do que com um bem comum. Formalmente, a iniciativa em formar um bloco coeso, que possa fazer frente à competitividade internacional está expressa no Tratado de Assunção, porém, no dia-a-dia da agenda do bloco, as dificuldades enfrentadas são muitas. A falta de uma legislação trabalhista que possa ser comum aos países, a não coordenação de políticas comuns na esfera da saúde pública, o contrabando, são alguns exemplos que ilustram a falta de medidas comuns que devem ser adotadas pelos países-membros.<sup>29</sup>

Atentamos para o fato de que a pluralidade de assuntos que estão sendo abordados é para o fato de que o Mercosul deve ser encarado com a noção de totalidade. As medidas que, por ventura, sejam tomadas na agricultura, nas taxas cambiais ou na adoção de um roteiro turístico irão repercutir no dia-a-dia da população que faz parte do Mercosul. Sabemos que adotar uma agenda comum aos acontecimentos do Mercosul não é tarefa fácil, nem simples. Exige um aparato político, uma cadeia de comunicação eficiente, qualificação profissional,

---

<sup>27</sup> Devemos distinguir a noção de crescimento econômico comercial da noção de desenvolvimento econômico. O que ocorreu e está ocorrendo no Mercosul é o fenômeno de crescimento econômico, que não traz benefícios diretamente para a população local. Esse crescimento ocorre para efeitos cambiais, taxas, volumes de mercadorias exportadas e importadas, e lucro para grandes indústrias. Já a noção de desenvolvimento é mais abrangente, afetando a infra-estrutura de cidades, serviços estatais, inclusão de programas socioeducativos, ou seja, uma melhoria geral e efetiva para a população urbana e rural.

<sup>28</sup> Conforme conversa com a autora, na ocasião de visita do Museu Aparício Silva Rillo, em 24/09/2006.

<sup>29</sup> Recentemente o Brasil e os países vizinhos enfrentaram o problema da febre aftosa, que atinge rebanhos bovinos, prejudicando a qualidade da carne. Se medidas fitossanitárias fossem tomadas, ao mesmo tempo em que houvesse combate ao contrabando, em grande parte este problema poderia ter sido evitado, não trazendo prejuízos para os países do Mercosul.

enfim, um nível de organização que infelizmente não está presente nos governos nem brasileiro, nem argentino, nem uruguaio, nem paraguaio, assim como grande parte da América Latina, mas que nem por isso deve ser dispensado; ao contrário, devemos exercitar a formulação de soluções teóricas e, aos poucos, testá-las na prática. Como exemplo desse exercício, apresentamos a integração cultural como fator agregador dentro do processo mercosulino para uma futura efetivação social do Bloco.

### **4.3 A integração cultural e a identidade**

O tema da integração cultural vem sendo discutido juntamente com as teorias de integração econômica, como aparece hoje na União Européia e no Mercosul. A integração cultural é estudada não apenas sobre as trocas simbólicas, constituição de imaginários recíprocos (o que pensamos dos argentinos, qual a idéia que eles têm de nós), mas também relativo ao mercado cultural, em seu aspecto econômico.

O intercâmbio de produtos e serviços culturais entre uma mesma região, mesmo que de países diferentes, denomina um sistema de produção cultural conforme indica Coelho (2004). Esse sistema é dotado de instrumentos que reproduzem as manifestações culturais e sociais, como as feiras, festas religiosas, televisão e rádio. Ainda conforme Coelho (2004), existem autores que divergem quanto aos aspectos positivos e negativos desse sistema de produção cultural. Como aspecto positivo, pode ser citado o acesso ao mercado simbólico de comunidades antes dele marginalizadas e como aspectos negativos: a uniformização da produção cultural e a sufocação ou aniquilamento dos modos culturais regionais ou alternativos.

Quando pensamos em integração cultural e remetemos esse conceito para dentro do Mercosul, é necessário refletir se estamos preparados para conviver com o outro. Na verdade, o “outro”, aquele que está do outro lado da fronteira, não nos é tão estranho assim. É o que podemos dizer dos gaúchos do Rio Grande do Sul, com os argentinos, uruguaios e paraguaios. Temos um passado comum de disputas, costumes, tradições, vestimentas e alimentação que nos aproxima. Vale lembrarmo-nos, mais uma vez, que não defendemos a integração como homogeneização cultural, mas que todos nós temos características comuns, respeitando nossas peculiaridades.

Se pensarmos no Brasil, também temos as enormes diferenças culturais (decorrentes de colonização, clima, por exemplo) e todos nós fazemos parte de um só Estado-nação. Todos

cantamos o Hino Nacional, todos seguimos a mesma Constituição. Entretanto, convivemos diariamente com as diferenças culturais e econômicas entre Norte e Sul.

Essa proximidade cultural e geográfica a que estão submetidos os povos do Sul do Brasil com a Argentina e o Uruguai facilitaria a prática diária de integração que tanto se almeja dentro do Mercosul, uma vez que tem o poder de nos tornar cúmplices de políticas econômicas e sociais. Utilizar-se da cultura comum entre esses países como instrumento aproximador facilitaria a compreensão da população para os benefícios do Mercosul.

Portanto, quando falamos em integração, e mais especificamente a integração encabeçada pelo Mercosul, não sinalizamos para uma integração uniforme e homogênea entre as populações, mas sim que possamos ter a oportunidade de conhecê-las para entendê-las. Não se quer, com a consolidação do Mercosul, que haja uma única cultura mercosulina, mas sim que todas as culturas que compõem o bloco sejam apreciadas e respeitadas. Conhecer a cultura do outro ajudará para que nos aproximemos e que os entraves que ainda existam sejam mais fáceis de serem removidos.

Entretanto, ainda existem manifestações de repulsa que pairam sobre brasileiros e argentinos, tendo como exemplo lamentável o que o canal de televisão por assinatura FX lançou, na copa Libertadores da América de 2005. O canal criou um concurso, no qual a melhor ofensa aos argentinos ganhava prêmios, entre eles, um tênis da marca Nike. Os xingamentos deveriam ser feitos em vídeo e em língua espanhola.<sup>30</sup> À primeira vista, vemos um “inocente” concurso, como muitos que todos os dias vemos na mídia. Porém, quando nos perguntamos qual o sentido do canal FX em lançar um concurso como este; ou ainda, qual a intenção da marca Nike em patrocinar os prêmios... Nada é ingênuo no mundo globalizado. Iniciativas como essa andam na contramão das motivações que a integração cultural defende, apresentando um exemplo claro de aspecto negativo dentro de um sistema de produção cultural. A integração está intimamente ligada à predisposição em aceitar o outro como seu semelhante e concursos como esse só corroboram a “implicância” que existe historicamente entre brasileiros e argentinos, por exemplo.

Esse panorama deve ser revertido para que a integração cultural faça parte de nosso convívio. Se quisermos, de fato, apresentar alternativas para a constituição e aperfeiçoamento do Mercosul, devemos utilizar instrumentos teóricos e práticos para tal empreitada, na tentativa de ver no outro, que está do outro lado da fronteira, nosso semelhante, na situação de subdesenvolvimento em que vivemos hoje na América Latina.

---

<sup>30</sup> Fonte: *Jornal O Diário de Santa Maria*, Diário da Tv, p. 06, 10 de maio de 2005 (Anexo D).

Um instrumento que nos auxilia a compreender o processo de identificação na integração é o conceito de imaginário. Silva (2001 apud GASTAL, 2005, p. 77), “o imaginário é determinado pela idéia de fazer parte de algo”. Se nós temos a compreensão de que fazemos parte de algo maior, de algo que nos torna comum aos outros membros, então nos identificamos com eles e nos tornamos pares, não importando se esse semelhante está no outro lado da fronteira.

Partindo do pressuposto que apresentamos um passado comum (argentinos e brasileiros), é natural que projetemos a idéia de representação do outro. O “vizinho” pode ser representado como alguém distante ou como alguém que lhe é próximo. O que irá determinar essa representação no imaginário serão as práticas adotadas pela mídia, pelos governos, pela imprensa, pela escola e pelos museus. As representações que nós formulamos sobre nós mesmos e sobre os outros, no mundo contemporâneo, reflete as imagens que obtemos em nossa sociedade. Por isso, a importância dos meios de comunicação em difundir as idéias e imagens “corretas”<sup>31</sup> das populações que nos cercam. Iniciativas como a do canal de televisão FX em promover um concurso sobre o melhor xingamento para os argentinos tem de ser encaradas como um entrave à proximidade cultural entre os povos que compõem o Mercosul.

As rivalidades que fazem parte do universo do futebol existem e seria pretensioso exigir que não mais existissem (e também não é propósito deste trabalho), mas incitar rivalidades publicamente, por meio da televisão, é extremamente ofensivo. As diferenças devem ser vistas não como algo conflitivo, mas como algo a ser respeitado.

Ao contrário do que foi exposto acima, o Setor Educacional do Mercosul,<sup>32</sup> o SEM, foi criado para pensar práticas e estratégias para a educação do Mercosul, que prevê entre 2006 até 2010 fomentar práticas integradas na educação entre os países-membro. Uma das iniciativas principais é vincular a educação com a formação profissional, destacando assim, que os países invistam na Educação Tecnológica. Já na educação básica, o Setor Educacional criou o Projeto Escolas Bilíngües de Fronteira, que pretende implementar a educação bilíngüe no ensino fundamental nas escolas públicas. Inicialmente, este projeto envolve as escolas da região de fronteira do Brasil com a Argentina, propiciando a vivência destes alunos com culturas diferentes e o idioma do país vizinho. Além desta iniciativa, o Mercosul Educacional pretende promover políticas educativas que propaguem a cidadania regional, a cultura de paz

---

<sup>31</sup> Não pretendemos atribuir juízos de valor, determinando o que é correto e o que é errado, mas pretendemos demonstrar que ações distorcidas da realidade podem causar efeitos não condizentes com a prática da integração cultural.

<sup>32</sup> De acordo com sítio do sistema de Informação e Comunicação do Mercosul Educacional. Internet [www.Sic.inep.gov.br](http://www.Sic.inep.gov.br)

e respeito à democracia, aos direitos humanos e ao meio ambiente, conforme o sítio do Sistema de Informação e Comunicação do Mercosul.<sup>33</sup>

#### 4.4 Alternativas a médio e longo prazo

Conforme já apresentamos neste capítulo, temos uma região geográfica determinada e esta região apresenta certo nível de subdesenvolvimento, pólos urbanos de grande porte, assim como grandes extensões de terras destinadas à agricultura e pecuária (com grandes e pequenas propriedades). A existência de significativas universidades e importantes indústrias faz da região do Cone Sul um *mix* de fatores que não são encontrados facilmente pelo resto do mundo.

Ao mesmo tempo, a conformação do Mercosul trouxe uma alternativa para a ascensão econômica e comercial desses países, apesar dos entraves burocráticos e a falta de uma harmonização legislativa.

Uma das vias para o desenvolvimento, ao mesmo tempo em que pode ser utilizada para as práticas culturais, é o turismo. Por turismo entendemos “*um factor de desarrollo, en virtud de sus posibles efectos económicos*” (MOLINA e RODRÍGUEZ, 1999, p. 27), apresentando assim, uma alternativa econômica.

Surgido com a industrialização, o turismo é filho da globalização: “o lazer e o turismo (...) são consequência e, simultaneamente, um componente do sistema social industrial da organização dos seres humanos e da civilização moderna” (KRIPPENDORF, 2000, p. 21), chegando inclusive a ser chamado como “indústria turística” por alguns autores, delegando, assim, a noção de *fabricação* de destinos e roteiros turísticos, a massificação de opções de lazer e a criação de necessidades que em tempos passados não existia. Ao contrário da indústria turística, o turismo sustentável<sup>34</sup> surge como uma alternativa ao consumo por si só, respeitando as relações humanas e principalmente o meio ambiente.<sup>35</sup>

O modelo turístico que proliferou no mundo globalizado não foi o que melhor garante a integridade do espaço e da população, pois, conforme Molina e Rodriguez (1999, p. 35):

---

<sup>33</sup>In:<[http://www.sic.inep.gov.br/index.php?option=com\\_content&task=view&id=270&Itemid=96&lang=br](http://www.sic.inep.gov.br/index.php?option=com_content&task=view&id=270&Itemid=96&lang=br)

<sup>34</sup> A expressão “turismo sustentável” está muito em moda ultimamente. Com as ameaças do aquecimento global, a preocupação com a ecologia e o meio ambiente torna-se, por vezes, um pouco exagerada nos discursos e pobre em práticas. Ao mesmo tempo, devemos nos preocupar também com a imagem que o Brasil apresenta no exterior.

<sup>35</sup> Os conceitos aqui apresentados não se restringem aos autores aqui citados, uma vez que o próprio conceito de turismo é muito mais abrangente que o apresentado. Apenas utilizamos os exemplos mais adequados ao nosso tema.

O impulso ao turismo interno com um conteúdo extremamente evasivo, não permite satisfazer nenhuma necessidade essencial de deslocamento da população. Pelo contrário, o turismo planejado como negócio, e não como meio de satisfação de necessidades, impede o acesso da população de nossos países a níveis qualitativamente superiores de bem-estar.<sup>36</sup>

E ainda:

O turismo na América Latina constitui somente uma atividade complementar da economia dos países desenvolvidos, com o qual se reforça a relação dominação-dependência. A política turística vigente em nossos países tem buscado unicamente facilitar a população dos países industrializados ao desfrute de seu tempo livre.<sup>37</sup>

Portanto, ao visualizarmos como se opera turisticamente dentro do espaço brasileiro e do latino-americano, percebemos que a preocupação maior é a expectativa para o público externo. Embora esse quadro não retrate somente esse acontecimento, pois existem alternativas turísticas que respeitam espaços e relações, na grande maioria das agências turísticas, as principais opções contemplam as classes médias e altas, incutindo-lhes padrões de consumo e falsas necessidades, além de preparar as ofertas e produtos com os padrões externos.

Essa situação, no entanto, tende a se modificar em parte. No momento em que se discute muito a preservação ambiental, o turismo de aventura, o ecológico, os hotéis-fazenda ao mesmo tempo em que divertem (que é a sua primeira função), passam a oferecer serviços de educação ambiental.

Na região de abrangência deste estudo, a ênfase pode ser dada ao Turismo Cultural, Religioso, Histórico, ou ainda de Aventura e Rural. Opções para adoção desses serviços não faltam. No que diz respeito ao Turismo Histórico-Cultural, um tema que pode ser abordado é a Cultura Missioneira. Evento que esteve presente na demarcação e luta por posse de terras, as Missões Jesuíticas, além da importância religiosa, apresentaram uma importância cultural e econômica, para a época, que se manifestou nas edificações (hoje restam ruínas) de uma sociedade que além de catequização indígena dos índios guaranis, incutiu traços de uma cultura européia.

Sobre esse assunto, a cidade de Foz do Iguaçu, no Paraná, tem desenvolvido roteiros turísticos que exploram o tema da Cultura Jesuítica, privilegiando aspectos para a integração cultural dentro do Mercosul. Como exemplo, citamos o Espaço das Américas (Figura 9), às margens do rio Iguaçu, na cidade de Foz do Iguaçu-Paraná. Nesse local, há exposições,

---

<sup>36</sup> Tradução da autora.

<sup>37</sup> Tradução da autora.

seminários, encontros, e práticas de educação ambiental, principalmente encabeçados pelo Mercosul. Toda a comunidade pode usufruir deste espaço.

O sítio da H2Foz (Anexo E), um portal de turismo e informações de Foz do Iguaçu e da Tríplice Fronteira (Argentina, Brasil e Paraguai), que é produzido por jornalistas, fotógrafos e colaboradores, traz notícias das atividades culturais que são desenvolvidas nessa região, utilizando o Mercosul como pano de fundo.



(Fonte: <<http://www.h2foz.com.br>>)

**Figura 10 – Espaço das Américas.**

O turismo começa a ter sua importância dentro do Mercosul. Um exemplo é a instalação de um escritório turístico no Japão, que tem por principal objetivo apresentar o Mercosul como destino turístico e também a qualificação profissional de agentes de turismo para atuarem no ramo. Também existem reuniões anuais de Ministros do Turismo do Mercosul, com o objetivo de discutir e apresentar novas práticas para a área.

Atualmente, podemos dizer que o espaço, dentro do Mercosul que utiliza o turismo regional entre países é a Tríplice Fronteira. A localidade de Foz do Iguaçu apresenta espaços e infra-estrutura para a absorção de visitantes brasileiros e estrangeiros. Conforme dados da agência de notícias de Foz do Iguaçu, no ano de 2006, os japoneses deixaram aproximadamente US\$234 milhões nos países do Mercosul, o que denota um incremento significativo da economia.

Ao nos remetermos para a região de fronteira deste estudo, a região oeste do Rio Grande do Sul, fronteira com a Argentina e o Uruguai, podemos também vislumbrar iniciativas como essas que estão sendo adotadas na fronteira do Paraná. Apesar de não apresentar um recurso natural como as Cataratas do Iguaçu (no Paraná), a região fronteiriça do Rio Grande do Sul também apresenta atrativos naturais que podem ser destinados para a prática do turismo.

Se as iniciativas que o Mercosul começa a adotar na Tríplice Fronteira estão trazendo benefícios, por que não pensar em algo semelhante para a região geográfica deste estudo?

Realizando um estudo adequado ao que se pretende alcançar dentro da esfera turística na região de fronteira e consolidando bases e recursos financeiros realistas com a pretensão do trabalho a ser desenvolvido, os resultados obtidos irão corresponder às expectativas.

Porém, não podemos pensar em turismo como uma prática isolada. O desenvolvimento desse serviço necessita de um conjunto de fatores que estejam em consonância. A infra-estrutura de transporte, como: estradas, rodovias, rodoviárias, aeroportos, portos devem estar aptas para uso. Além de estruturas de serviços como: restaurante, banheiros públicos, sinalizações, segurança, postos de saúde emergenciais etc. Sobre a crise que se instalou nos aeroportos brasileiros, a Ministra do Turismo, Marta Suplicy,<sup>38</sup> parece não compreender que os problemas de infra-estrutura no Brasil começam a atingir as classes média e alta, que são as que utilizam o meio de transporte aéreo. Como disse a ministra, no dia 13 de junho de 2007, na ocasião do lançamento do Plano Nacional de Turismo, em Brasília: “Relaxem e gozem, porque depois você vai [sic] esquecer todos os transtornos”.<sup>39</sup> Esta declaração nos remete à idéia de que o Brasil tem refúgios idílicos que quando se chegam nele, todos os nossos problemas desaparecem, e que só voltamos a pensá-los quando voltamos à rotina ou quando retornamos de férias. Essa visão de paraíso que já se tornou senso comum no Brasil tem, para o turismo, seu melhor produto. Entretanto não podemos esquecer que o turismo não se faz somente de praias e belas paisagens – e isto o Brasil tem de melhor – mas até chegar a esses locais são necessários muitos investimentos, que antes devem passar pela população local.

Na mesma ocasião de lançamento do Plano Nacional de Turismo, o presidente Lula também se manifestou, apresentando um outro problema que enfrentamos na esfera turística: a imagem do Brasil no exterior e que os próprios brasileiros têm de seu país e o que a imprensa divulga. Segundo ele, não se vê nada de bonito noticiado na imprensa brasileira.<sup>40</sup> De certa maneira, Lula tem razão, pois segundo Bignami (2002, p. 39): “É comum o brasileiro se identificar como sendo um povo repleto de defeitos (...) a imagem que o brasileiro tem de si é ruim e coincide com a imagem que o estrangeiro tem do brasileiro”.

---

<sup>38</sup> O posto que Marta Suplicy está ocupando remete-nos a um outro problema: o “amadorismo” que ronda os serviços turísticos. Hoje já contamos com muitas e boas faculdades que formam todos os anos os profissionais do Turismo, o turismólogo. Entretanto, o mercado de trabalho não absorve boa parte da mão-de-obra que se qualificou, preferindo contratar outros profissionais e técnicos para ocupar os cargos.

<sup>39</sup> Conforme página de notícias do Terra. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI1685467-EI,00.html>>. Acesso em: 13 jun. 2007.

<sup>40</sup> Conforme o sítio Terra. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI1685467-EI,00.html>>.

Quanto à imprensa, Bignami (2002, p. 64) manifesta-se dizendo: “O fato de ter que atender a determinados objetivos faz com que a notícia seja dirigida por interesses específicos e direcionada a um determinado público”.

A imagem do Brasil no turismo não é formada somente pela imprensa. Existem outros “setores” que denigrem a imagem, como, por exemplo, a prática do turismo sexual no Brasil. Hotéis, taxistas e outros “agenciadores”, segundo Morenno (2005, p. 20), contribuem para que o Brasil seja muito mais lembrado pelas mulatas do que por outros motivos. Segundo ele, a propaganda turística do Rio de Janeiro mostra “muitas bundas e pouca areia” nos postais cariocas. Ocorre que, de fato, todos os anos milhares de turistas estrangeiros desembarcam no Brasil em busca do prazer sexual, injetando boas quantidades de dólares e euros. Ainda no mesmo artigo, Morenno aponta a Lei de Alice<sup>41</sup> como uma boa medida na tentativa de reversão da imagem do Rio de Janeiro.

O presidente do Brasil não quer que o país seja lembrado por violências e por falta de infra-estrutura, pois, conforme Lula se manifesta no sítio Terra: “turista não gosta de favela, palafita. Tem que ter monumento histórico, bons restaurantes...”.<sup>42</sup> O presidente acerta nos destinos turísticos, mas erra quando não agiliza soluções nas áreas periféricas do turismo (como as condições de rodovias e aeroportos). Entretanto, esse quadro tende a se reverter, se os investimentos que estão sendo liberados forem mesmo implantados na área. O lançamento do Plano Nacional de Turismo prevê o investimento de quase R\$ 984 milhões, para a promoção interna e externa do turismo, e cerca de R\$ 5,63 bilhões em infra-estrutura.<sup>43</sup> São valores significativos e que tendem a impulsionar 1,7 milhão de novos empregos, alterando, assim, significativamente a qualidade de vida da população em vários aspectos. Essas medidas também devem ser implantadas em consonância com o Mercosul. O bloco deve atuar no mesmo sentido das práticas nacionais, propiciando um melhoramento da oferta turística da região, pois os atrativos existem, o que faltam são iniciativas que façam desses atrativos produtos turísticos em potenciais, auxiliando não só no divertimento e ocupação do tempo livre, mas que também sirvam de promoção das práticas culturais e educacionais.

---

Acesso em 13 jun. 2007.

<sup>41</sup> Na época da publicação do artigo, tramitava na Assembléia Legislativa do governo do Rio de Janeiro um projeto de lei que proibia a veiculação, exposição e venda de cartões-postais que usassem fotos de mulheres em trajes sumários, sem relação ou não inseridas na imagem original dos pontos turísticos. O projeto de lei era uma iniciativa da deputada Alice Tamborideguy (MORENNO, 2005).

<sup>42</sup> Conforme o sítio Terra. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI1685467-EI,00.html>>. Acesso em 13 jun. 2007.

<sup>43</sup> Conforme o sítio Terra. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI1685467-EI,00.html>>. Acesso em 13 jun. 2007.

Assim, com a adequação de políticas públicas, interesse por parte de secretarias de educação, secretarias de cultura e também da iniciativa privada, a conformação de práticas turísticas e culturais pode ser alcançada para a conformação do objetivo maior dentro do Mercosul, qual seja, a integração dos povos que o compõem. Talvez, assim, possamos chegar, quem sabe, um pouco mais perto da tão almejada integração cultural das Américas, como sonhava Bolívar.

## CONCLUSÃO

Ao final desta pesquisas, para a qual fizemos diversas leituras sobre os temas tratados, percebemos que iniciativas devem ser adotadas se quisermos que a região oeste do Rio Grande do Sul alcance níveis melhores de situação econômica, de nível educacional e cultural.

Especificamente, os museus podem servir de instrumento na promoção da educação local e também como um divulgador da integração regional, dentro e fora do Rio Grande do Sul. Apesar dos museus visitados realizarem algumas atividades educativas que envolvam a população de suas cidades, essas iniciativas não estão coordenadas para o objetivo maior, qual seja, o da integração do Mercosul.

Quanto a sua formação, os museus fronteiriços apresentam características que nos remetem à História Positivista, ou seja, aquela que dá maior importância para os fatos, os feitos heróicos, aos documentos oficiais. Hoje existem novas metodologias que ampliam a noção de História, utilizando outras formas e técnicas para o fazer histórico. Mas essa configuração positivista não faz do museu uma instituição obsoleta; os objetos que eles abrigam não perderam sua importância, muito menos seu significado. O que nos resta agora é preparar essas instituições para que possam expressar de modo compreensível a história complexa que abrigam. Como demonstramos, esse preparo dos museus implica na conformação de políticas educacionais (para a sua utilização nas escolas) e também atrelá-las ao turismo, para a sua propagação da idéia integracionista e para a obtenção de recursos financeiros.

Esses museus, por localizarem-se em uma região fronteira, comportam a história dessa região e os processos que se desenvolveram para a conformação dessa fronteira. Assim, a edificação museológica não se dissocia de seu entorno, expressando e recebendo as influências espaço-temporais e culturais, já que o museu e seu acervo são produtos da atividade social.

A região de fronteira do Rio Grande do Sul assenta os cruzamentos sociais e, desde seu passado, a região oeste do Estado apresentou histórias de disputas territoriais, ao mesmo tempo em que grandes extensões de terras não eram cultivadas e eram pouco densas populacionalmente, seja pelo solo pouco propício para a exploração agrícola, seja por grandes concentrações de terras nas mãos de poucos.

Apesar disso, a história que ali se desenvolveu não pode ser menosprezada. O fato de fazermos fronteira com a Argentina e o Uruguai coloca o Brasil numa posição importante, pois as trocas comerciais, o fluxo de pessoas e de divisas torna-se mais evidente. Por isso é que o governo brasileiro deve tomar medidas específicas para essa região, tendo certas peculiaridades como balizas na implementação de políticas e de programas sociais.

O Mercosul, segundo Zuanazzi (2004), presidente da Agência Nacional de Aviação civil (ANAC), não irá retroceder, ou seja, os níveis de desenvolvimento alcançados dentro do bloco só tendem a expandir. A entrada de novos países latino-americanos no Mercosul confirma esta tendência, assim como a iniciativa das instâncias decisórias mercosulinas em desenvolver outras áreas que não só a econômica ou comercial.

Entretanto, os empecilhos que ainda persistem nos trâmites do bloco dificultam a abrangência do Mercosul para o dia-a-dia da população dos países envolvidos. Foi constatado que ainda falta planejamento e, principalmente, iniciativas concretas para as áreas em que a população é diretamente afetada.

Se o interesse do governo é ampliar o Mercosul, como consta nas atividades que estão se estendendo para a área cultural e social, como, por exemplo, o Programa Somos Mercosul, as intenções devem partir do discurso teórico para a prática efetiva. Muito tem se discutido que, para a efetivação econômica do bloco, é necessário fazer a população dos países envolvidos sentir-se parte de algo comum. O processo de identificação, conforme explicitado por Coelho (2004), é o responsável pela aproximação entre as populações locais e regionais. Se nos identificarmos com o outro, com o outro lado da fronteira (e esta identificação é possível, pois ela tem elementos constituidores que denotam nossas características comuns), o processo integracionista do Mercosul se tornará uma consequência.

O trinômio museu-fronteira-integração reflete uma linha de raciocínio que pode ser utilizada para a ampliação dos laços mercosulinos. Mais do que isso, os museus de fronteira contribuem para a promoção da educação e da cultura, evidenciando uma região geográfica que há muito tempo sofre com o abandono de políticos e falta de infra-estrutura.

Além das mudanças climáticas que prejudicaram as principais atividades comerciais (agricultura e cultivo do gado), as práticas culturais quase sempre se restringiram aos seus espaços locais, não privilegiando alcances maiores, apesar de serem um reflexo de uma cultura que domina todo o Conesul.

Essas práticas culturais que se desenvolvem nas cidades visitadas, e aqui incluímos o papel dos museus, podem ser focadas para um objetivo comum e maior, alicerçando a promoção de uma cultura regional.

Pelas manifestações dos governos dos países do Mercosul, a iniciativa em efetuar não só práticas comerciais, mas também sociais, demonstra a percepção de que, para se atingir níveis mais altos de integração, outras áreas devem ser incluídas.

As bases já estão lançadas, pois a região de fronteira possui os instrumentos necessários: um objeto cultural (os museus) e uma iniciativa governamental (o Mercosul). Resta-nos adequar esses instrumentos para o objetivo maior, qual seja: o fortalecimento de um grupo de países frente à inserção internacional. A adequação dos museus e programas dos Mercosul deve ser encabeçada pelo serviço governamental, pela iniciativa privada e pela população, que deve estar devidamente informada sobre o seu poder de interferência em sua realidade. Para isso, a educação é o principal meio, tendo como instrumento os museus.

Algumas iniciativas já estão sendo tomadas, como o Mercosul Educacional, porém ainda estão em sua fase inicial. As iniciativas tomadas pelos museus visitados ainda não representam um efetivo impacto sobre a integração populacional. Este processo também não rápido, pois é necessário que a geração que está nas escolas seja preparada para viver a integração. Entretanto, os governos devem ter cuidado ao fomentar políticas públicas que envolvam a integração, pois ela não deve ser imposta, nem tratada como assunto de campanha política, que fatalmente cairá no esquecimento.

O poder da integração está calcado na possibilidade em enxergar no outro seu semelhante, seu par fronteiriço, aquele que vive nas mesmas condições, que são afetados pelos mesmos problemas e que conseqüentemente terão alternativas comuns para a melhoria de suas vidas.

É por isto que elegemos os museus como o instrumento para a identificação mercosulina, em uma região que está aberta e vive de cruzamentos sociais e comerciais. Depois de um passado de disputas, tratados e acordos (sejam eles tácitos ou não), configurou-se um presente de desfalques, (em que a infraestrutura básica não atende a todos), e que o Mercosul tenta projetar algo melhor que o hoje. Assim, olhamos para o Turismo como um serviço que pode ser a mola propulsora para um futuro de melhorias, sem antes passar pela educação, pois ela é a base fundamentadora de todo este processo.

O mundo contemporâneo não admite mais inércias sociais. Todos nós somos responsáveis pela manutenção de instituições e serviços, além do meio ambiente. Essa manutenção não deve ser somente posta em prática pelos governos, mas por toda a sociedade civil.

## BIBLIOGRAFIA

ALHO, Cleber J.R. A redescoberta dos museus. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, v. 13, n. 73, 1991. p. 42-47.

BARRETO, Margarita. **Turismo e legado cultural**. São Paulo: Papirus, 2002.

BETHELL, Leslie (Org.). **América Latina colonial: história da América Latina**. v. 1. São Paulo: Edusp, 1998.

BIGNAMI, Rosana. **A imagem do Brasil no turismo: construção, desafios e vantagem competitiva**. São Paulo: Aleph, 2002.

CADERNOS MUSEOLÓGICOS. Rio de Janeiro: Coordenadoria de Comunicação e Educação da Coordenadoria Geral de Acervos Museológicos da Fundação Nacional PróMemória, n. 3, out. 1990.

CASTROGIOVANNI, Antônio. A globalização e o turismo de fronteira. In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL DE TURISMO DE FRONTEIRAS, 1., 2004, Santa Maria. **Palestra...** 17 ago. 2004.

CHAGAS, Mário. Cultura, patrimônio e memória. **Ciências & Letras**, Porto Alegre: FAPA, n. 31, jan./jun. 2002. p. 15-29.

COELHO, Teixeira. **Dicionário Crítico de Política Cultural**. São Paulo: Iluminuras, 2004.

DEMBICZ, Andrzej. Fronteras y el diálogo intercultural en América Latina. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL FRONTEIRAS NA AMÉRICA LATINA: DESENVOLVIMENTO E INTEGRAÇÃO, 2004, Santa Maria. **Palestra...** Santa Maria, 08 nov. 2004.

DEVÉS-VALDÉS, Eduardo. Constituir el Conosur: (pensar más allá de las fronteras: sociedad civil, redes intelectuales y rupturas epistemológicas para el desarrollo de las fuerzas productivas intelectuales). In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL FRONTEIRAS NA AMÉRICA LATINA: DESENVOLVIMENTO E INTEGRAÇÃO, 2004, Santa Maria. **Palestra...** Santa Maria, 08 nov. 2004.

DUARTE, Paulo Sérgio. Elementos para uma estratégia dos museus de arte. **Jornal do MARGS**, Porto Alegre, n. 75, dez. 2001.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

FLORES, Moacyr. **Dicionário de História do Brasil**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1996.

FUNARI, Pedro Paulo; PINSKY, Jaime (Orgs.). **Turismo e patrimônio cultural**. São Paulo: Contexto, 2001.

GASCÓN, Margarita. Estudios transandinos. **Revista de la Asociación Chileno-Argentina de Estudios Históricos e Integración Cultural**, Mendoza, n. 8 e 9, 2003/2004.

GASTAL, Susana. **Turismo, imagens e imaginários**. São Paulo: Aleph, 2005.

GIL, Gilberto. Especial para *O Estado de S. Paulo*. Publicado no Caderno 2, p. D6, 22 out. 2004. Disponível em: <<http://www.cultura.gov.br>>.

GOLIN, Tau. **A fronteira**: os tratados de limites Brasil-Uruguai-Argentina, os trabalhos demarcatórios, os territórios contestados e os conflitos na bacia do Prata. Porto Alegre: L&PM, 2004. v. 2.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2004.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. Lições das coisas: o enigma e o desafio da Educação Patrimonial. **Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional**, Brasília, n. 31, 2005. p. 223-232.

H2FOZ.COM.BR - **Portal de Turismo e Informações de Foz do Iguaçu**. Disponível em: <<http://www.h2foz.com.br>>. Acesso em: 26 maio 2007.

IPHAN. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: <<http://www.iphan.gov.br>>. Acesso em: 22 mar. 2007.

JORNAL O Sul. Porto Alegre, 07 maio 2005, p. 07.

KRIPPENDORF, Jost. **Sociologia do turismo**: para uma nova compreensão do lazer e das viagens. São Paulo: Aleph, 2000.

KOSHIBA, Luiz; PEREIRA, Denise Manzi Frayze. **Américas**: uma introdução histórica. São Paulo: Saraiva, 2000.

MALBA - **Museo de Arte Latinoamericano de Buenos Aires**. Disponível em <<http://www.malba.org.ar>>. Acesso em: 26 maio 2007.

MAPA turístico rodoviário. República Federativa do Brasil. Governo do Rio Grande do Sul. Secretaria do Turismo, Esporte e Lazer, 2004.

MARSHALL, Francisco. O desafio de gerir o museu contemporâneo. **Jornal do MARGS**, Porto Alegre, n. 75, dez. 2001.

MARTINS, Estevão de Rezende. **Identidade e diferença**: convergências e divergências na América Latina. Santa Maria, Brasil, 2004. Palestra ministrada no Simpósio Internacional Fronteiras na América Latina: desenvolvimento e integração, 10 nov. 2004.

MENESES, Ulpiano Bezerra de et al. **Como explorar um museu histórico**. São Paulo: Museu Paulista/USP, 1992. p. 11-14.

\_\_\_\_\_. O museu na cidade x a cidade no museu: para uma abordagem histórica dos museus de cidade. **Revista Brasileira de História**, São Paulo, v. 5, n. 8/9. set./1984, abr./1985, p. 197-205.

MENSCH, Peter Van. **O objeto de estudo da Museologia**. Rio de Janeiro: UNI-RIO, UGF, 1994, p. 1-22.

MINISTÉRIOS DAS RELAÇÕES EXTERIORES. MRE. Disponível em: <<http://www.mre.gov.br>>. Acesso em: 05 jun. 2006.

MOLINA, Sergio; RODRÍGUEZ, Sergio. **Planificación integral del turismo: un enfoque para latioamérica**. México: Trillas, 1999.

MORENNO, Pablo. A lei de Alice. **Zero Hora**, Porto Alegre, 6 nov. 2005.

MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA. Disponível em: <<http://www.estacaodaluz.org.br>>. Acesso em 26 maio 2007.

ORTIZ, Renato. Cultura, modernidade e identidades: globalização e espaço latino-americano. **Revista da HUCITEC**, São Paulo, 2006. p. 20-27.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Fronteiras culturais em um mundo planetário: paradoxos da(s) identidade(s) sul-latino-americana(s)**. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL FRONTEIRAS NA AMÉRICA LATINA: DESENVOLVIMENTO E INTEGRAÇÃO, 2004, Santa Maria. **Palestra...** Santa Maria, 10 nov. 2004.

\_\_\_\_\_. **História & história cultural**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

PIRES, Mário Jorge. Por que os museus brasileiros são pouco visitados. In: \_\_\_\_\_. **Lazer e Turismo Cultural**. São Paulo: Manole, 2001, p. 73-80.

POERNER, Arthur J. **Identidade cultural na era da globalização**. Rio de Janeiro: Revan, 1997, p. 120-131.

RAMOS, Francisco Régis Lopes. **A danação do objeto: o museu no ensino de história**. Chapecó: Argos/UNOCHAPECÓ, 2000.

REVISTA APLAUSO. Porto Alegre, ano 5, n. 37, 2002.

REVISTA DA FAPA CIÊNCIAS E LETRAS. Porto Alegre, n 27, jan./jun. 2000.

REVISTA DA FAPA CIÊNCIAS E LETRAS. Porto Alegre, n. 31, 2005.

REVISTA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. Brasília, n. 31, 2005. Org Mário Chagas.

REVISTA MUSEU. Disponível em: <<http://www.revistamuseu.com.br/legislacao>>. Acesso em: 12 fev. 2006.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pela mão de Alice: o social e o político na pós-modernidade**. São Paulo: Cortez, 1995.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. Sobre a autonomia das novas identidades coletivas: alguns problemas teóricos. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 13, n. 38, out. 1998.

SCHNEEBERGER, Carlos Alberto. **Minimanual compacto de História Geral**. 2. ed. São Paulo: Rideel, 2003.

SEITENFUS, Ricardo (Org.). **Legislação internacional**. Barueri: Manole, 2004. (Edições Jurídicas)

SUANO, Marlene. **O que é museu?** São Paulo: Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos).

TERRA. Disponível em: < [http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/ 0,,OI1685467-EI,00.html](http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI1685467-EI,00.html)>. Acesso em: 13 jun. 2007.

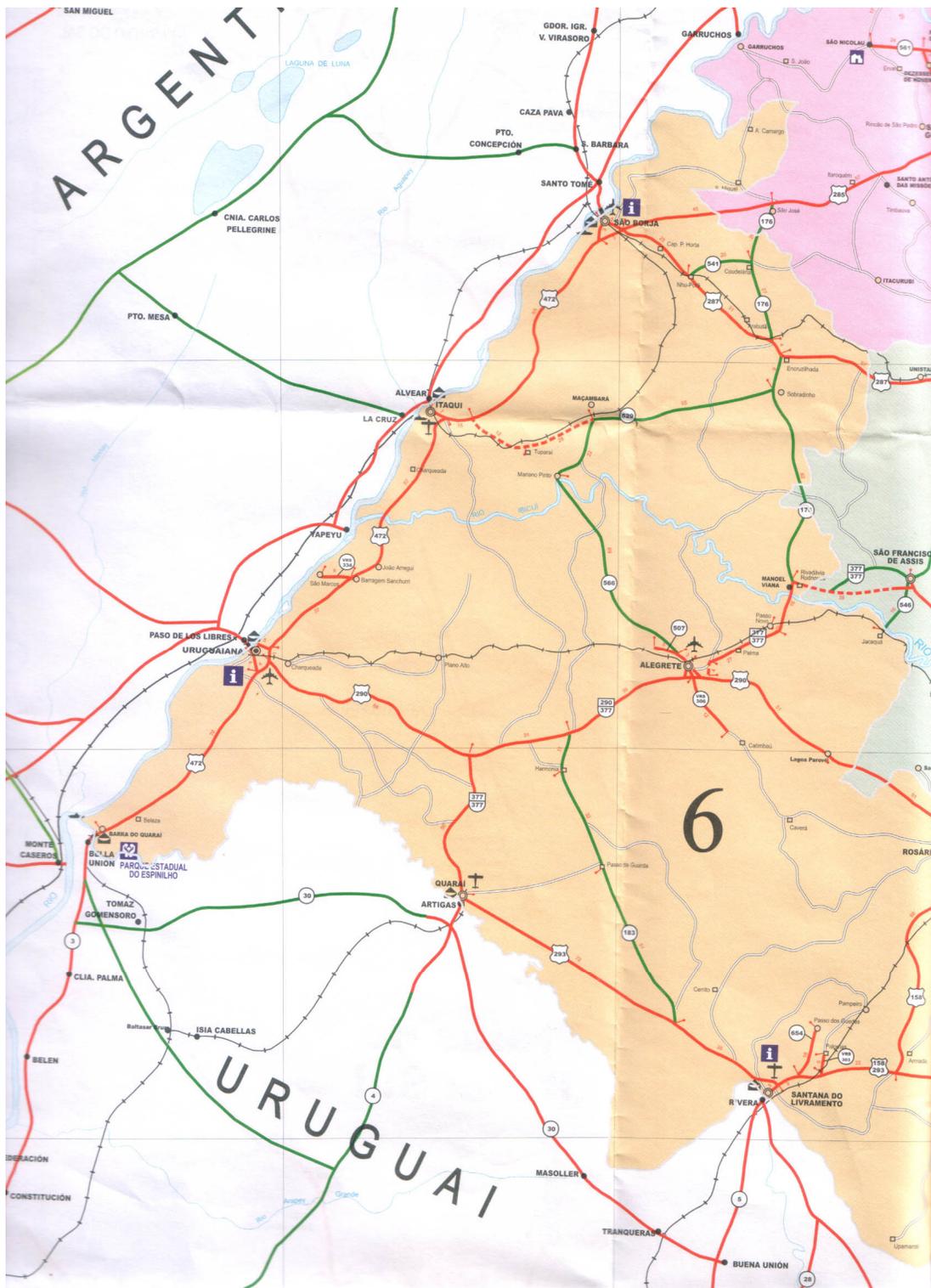
TERRA. Disponível em: < <http://noticias.terra.com.br/brasil/interna/0,,OI1685548-EI7896,00.html>>. Acesso em: 13 jun. 2007.

VEIGA, Simone; RIBEIRO, Cecília Volkmer. As coleções dos museus de História Natural e a preservação e conservação do patrimônio natural. *Revista de Direito Ambiental*, São Paulo, ano 4, jan./mar. 1999. p. 52-60.

VIGNOL, Ana Letícia de Alencastro. Educação patrimonial e prática de docência em História: uma experiência didática no Museu de Comunicação Social Hipólito José da Costa. In: PADRÓS, Enrique S. et al. **Ensino de História: formação de professores e cotidiano escolar**. Porto Alegre: EST, 2002, p. 231-239.

## **ANEXOS**

Anexo A – Detalhe do mapa turístico rodoviário, enfatizando a região oeste do Rio Grande do Sul, Brasil, com parte da Argentina e do Uruguai. Região geográfica da abrangência de nosso estudo. Escala 1:1.250.000. 1 cm = 12,5 km.



**Anexo B – Museu Getúlio Vargas. a) Fachada do Museu Getúlio Vargas, localizado na cidade de São Borja, Rio Grande do Sul. Esta casa foi construída em 1910 e foi residência de Getúlio Vargas até 1923. As divisões internas da casa permanecem as mesmas, garantindo o formato original. Recentemente o museu obteve auxílio financeiro do IPHAN, que serão utilizados na reestruturação e conservação da casa, principalmente. b) Uma das salas da Casa Museu de Getúlio Vargas. Na foto, aparecem algumas roupas que foram do Presidente. Fotos registradas pela autora em 24/09/2006.**



**a) Fachada.**



**b) Sala de exposições.**

**Anexo C – Museu Aparício Silva Rillo, localizado em São Borja, RS. Sala principal. O acervo conta principalmente com peças jesuíticas. Uma das iniciativas do museu é tentar mudar o rótulo da “cidade dos presidentes”, para a “capital missioneira”, apresentando assim um novo foco da história local, passando da factualidade para a idéia de totalidade de uma cultura comum à região fronteiriça. Foto registrada pela autora em 24/09/06.**



## Anexo D – Reportagem do Jornal Diário de Santa Maria, de 10/05/2006.

DIÁRIO DE SANTA MARIA / TERÇA-FEIRA, 10 DE MAIO DE 2005

### DIÁRIO DA TV

Fotos Divulgação/Idiário



**Emporâneo (GNT, 22h)** – Hoje que há anos cultivam longas amizades são os personagens da série. Christiano Cochrane entrevista o cantor Danieli Sarahyba (foto). No programa, o escritor Nelson Motta.

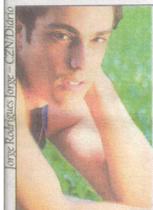


**A Diarista (RBS TV, 22h40min)** – A paquera rola solta no episódio *Diarista, Alta, Solteira, Procura*. As amigas Marinete, personagem de Cláudia Rodrigues, Ipanema, vivida por Helena Fernandes, e Solineza, interpretada por Dira Paes, vão a um forro arretratado e fazem de tudo para arrumar um namorado na festa. Quem vai se dar bem na empreitada é Marinete, que cai nas graças de Genásio, um bonitão galanteador, interpretado por Tuca Andrada.



**Ensaio Geral (Multishow, 23h23min)** – Os Titãs falam sobre a saída de Nando Reis, comentando uma entrevista do cantor no programa. O grupo canta sucessos como *Enquanto Houver Sol* e *Polícia*.

### Rapaz centrado



**M**esmo protagonizando *Malhação*, Thiago Rodrigues garante que não esmaece na vida profissional ganha. Ele destaca ter total consciência de que é difícil firmar na disputadíssima carreira ator. Tanto que fica muito mais satisfeito com elogios vindos dos mais velhos e seu desempenho na pele do concreto do que com o sucesso que está tendo entre as meninas.

Não quero acrodrar nisso, senão, posicionar meu foco. Até outro dia, só a minha falava que eu era lindo – justifica o ator de 24 anos, cheio de modestia.

### Novo cenário

**N**o próximo dia 16, o *Superpop*, da Rede TV!, estreia cenário novo. O estúdio terá várias fotos apresentadora Luciana Gimenez em função ao trabalho do artista plástico Andy Warhol. A emissora investiu R\$ 300 mil no cenário, assinado por João Armentau. Quem saiu perdendo foi a turma do *Pânico* TV, que, desde o último domingo, está sentando o programa do estacionamento-emissor.

## Sem comida

**E**m cenas de *América* que vão ao ar hoje, Sol, personagem de Deborah Seco, desmaia no trabalho. Decidida a juntar dinheiro para ajudar a família, economiza até na comida e reduz suas refeições diárias a dois sanduíches: um oferecido pela lanchonete e outro pela boate, seus locais de trabalho. Resultado: desmaia enquanto limpa as vidraças de um hotel. Por sorte, Ju, interpretada por Viviane Victorette, que trabalha com Sol na boate, passa perto do local. Ao perceber que Sol está com pressão baixa, ela acode a amiga com um punhado de sal e ainda a alerta sobre sua saúde. Mas o conselho vem tarde demais. Como chega atrasada na lanchonete, Sol acaba perdendo o emprego.



### Na rivalidade

**O** Canal FX, dirigido exclusivamente para o público masculino, está promovendo um concurso durante os jogos da Copa Libertadores da América 2005. A ideia é inusitada: ganha o concurso o autor da melhor ofensa aos argentinos. Para participar, os telespectadores deverão enviar textos e vídeos com xingamentos em espanhol para [www.fxbrasil.com.br](http://www.fxbrasil.com.br). As inscrições vão até o dia 30 de junho, data do último jogo da Copa. Os vencedores ganharão prêmios da marca Nike. O primeiro lugar na categoria vídeo levará a bola Nike Total 90 Aerow Hi-Vis, a bola oficial dos campeonatos brasileiros de 2005, e a chuteira Nike Secutor II. Já o primeiro lugar da categoria texto será contemplado apenas com a bola. O resultado do concurso será divulgado no dia 5 de julho e os nomes dos vencedores serão publicados no site do canal.

### Confinados 1

**A** bela Karina Bacchi participará de *A Grande Família*. No episódio *Seu Popozão Vale um Milhão*, Tuco (Lúcio Mauro Filho) será selecionado para entrar no *Big Brother Brasil*. Lá, conhece Paty, a personagem de Karina, e inicia um romance quente com a loira, que terá grandes possibilidades de continuar fora de casa. Nesta semana, Lúcio e Karina gravarão as cenas na casa onde o reality show é transmitido.

### Confinados 2

**A** Globo já definiu a data de exibição dos 10 episódios da série *Carandiru* – *Outras Histórias*, de Hector Babenco. Será entre 10 de junho e 12 de agosto, logo após o *Globo Repórter*. Na semana anterior à estreia, mais precisamente na segunda-feira, dia 6, irá ao ar o longa-metragem *Carandiru*, um dos grandes sucessos do cinema nacional. Para não confundir o telespectador, se chamadas de série só começarem a

### Novelas

#### Malhação

RBS TV, 17h30min

Júlio César é grosseiro e diz a Bernardo que sua filha está doente por culpa dele. Betina vai ao teatro com Urubu. Rafa diz a Cabelão que quer achar um jeito de assustar Kitty de novo para poder conquistá-la. Vivi confessa para Aline e Bel que está exausta, mas não vai desistir do emprego. Os professores se recusam a ver Pasqualete, para espanto de Lúcia. Todos perguntam a Jaque o que houve no programa. Ela se sente mal e vai embora correndo.

#### Como uma Onda

RBS TV, 19h

J.J. volta a Florianópolis e sofre ao pensar em Ana Amélia. Almerinda vê Nina e Daniel juntos e sofre. Pedrô observa Idalina dançando com Robusto e não gosta. Arramante tira Lavínia da festa de casamento e a leva até o barco de Sinésio, onde há um banquete preparado para eles. Nina e Encarnação percebem que J.J. está muito perturbado, embora ele finja que está tudo ótimo.

#### A Lua me Disse

RBS TV, 19h10min

Madô dá um escândalo na frente de Gustavo e Ivan, que acham graça. Armando pede dinheiro a Leontina, que se recusa a lhe ajudar. Elvira furta alguns objetos da casa de Regina. Geórgia convida Soraya e toda a família para um jantar. Heloísa pede que Violeta não se apaixone por Lúcio. Ester aconselha Gustavo a ligar para Beatriz e esquecer Heloísa. Pedro fala para Sílvia que Ester quer tirá-la do banco.

#### América

RBS TV, 20h50min

Sol combina com Jô um "bico" aos domingos em um posto de gasolina. Haydée fica tumultuada quando Tony pergunta se ela é feliz no casamento. Nina diz a Glauco

Anexo E – Site H2Foz



Portal de **Turismo e Informações** de Foz do Iguaçu e da Tríplice Fronteira



F R O N T